

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE CIÊNCIAS DA SAÚDE
SUELEN MACHADO SILVA

A FLUÊNCIA DA FALA DO FLORIANOPOLITANO

Florianópolis
2014

SUELEN MACHADO SILVA

A FLUÊNCIA DA FALA DO FLORIANOPOLITANO

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido ao Curso de Graduação em
Fonoaudiologia da Universidade Federal
de Santa Catarina, como requisito parcial
para obtenção do título de Bacharel em
Fonoaudiologia.

Orientadora: Profª Drª Cristiane
Lazzarotto-Volcão.

Florianópolis

2014

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Silva, Suelen

A fluência da fala do florianopolitano / Suelen Silva ;
orientadora, Cristiane Lazzarotto-Volcão - Florianópolis,
SC, 2014.

93 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Ciências
da Saúde. Graduação em Fonoaudiologia.

Inclui referências

1. Fonoaudiologia. 2. Fluência. 3. Fala. 4.
Florianópolis. I. Lazzarotto-Volcão, Cristiane . II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em
Fonoaudiologia. III. Título.

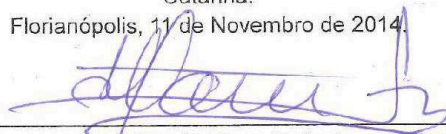
TERMO DE APROVAÇÃO

Suelen Machado Silva

A FLUÊNCIA DA FALA DO FLORIANOPOLITANO

Este trabalho de conclusão de curso foi julgado adequada para obtenção do título de Bacharel em Fonoaudiologia e aprovado em sua forma final pelo Curso de Graduação em Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 11 de Novembro de 2014.



Prof. Dra. Fabiane Stefani
Coordenadora do Curso

Banca examinadora:



Prof. Dra. Cristiane Lazzarotto-Volcão
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina



Prof. Dra. Carla Cristofolini
Parecista



Prof. Mestre. Jaqueline Maria Oliani Ijuim
Parecista
Universidade Federal de Santa Catarina

*Dedico esse trabalho ao meu avô, o homem que me ensinou a amar Florianópolis.
Lembro-me dos dias ensolarados em que ele fazia a sua tarrafa enquanto eu perguntava
sobre a pescaria. Ali nascia a vontade de conhecer a minha ilha.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus em primeiro lugar, por ter me dado força em todos os momentos que passei e por ter colocado pessoas especiais em meu caminho. Por ter me dado fé para continuar a caminhada nos momentos em que pensei que iria fraquejar.

Aos meus pais Luis Fernando Moura Silva e Cláudia Machado Silva, que sempre estiveram me apoiando, acolhendo meus medos, comemorando minhas vitórias e me mostrando que nada é impossível quando se tem vontade.

À minha irmã Isadora Machado Silva, a responsável por deixar meus dias mais felizes e mais leves.

Agradeço especialmente a minha orientadora Prof^a. Dra. Cristiane Lazzarotto-Volcão que me acolheu de braços abertos e me ajudou a transformar o que era apenas uma ideia em realidade. Obrigada pelo auxílio diante todas as dificuldades enfrentadas, sempre com muita atenção, carinho e competência.

Às professoras do Curso de Graduação de Fonoaudiologia da Universidade Federal de Santa Catarina, pelo conhecimento que me proporcionaram e por toda a dedicação prestada. Vocês me ensinaram a amar a Fonoaudiologia.

Aos meus avôs, pela força e carinho, ingredientes essenciais para alcançar os meus objetivos.

A todos os meus amigos, por estarem sempre prontos a me ajudar, me acolher e incentivar. Obrigada por todo o amor, paciência e carinho oferecidos a mim. Sem vocês não teria sido tão doce essa caminhada.

A todos os participantes dessa pesquisa, pelo carinho, acolhimento, berbigão e tainha que ganhei.

A todos aqueles que ajudaram de forma direta ou indireta na conclusão deste trabalho de conclusão de curso.

*“Um pedacinho de terra, perdido no mar, num pedacinho de terra, beleza sem par.
Jamais a natureza reuniu tanta beleza, jamais algum poeta teve tanto pra cantar”.
(Cláudio Alvim Barbosa)*

RESUMO

A fluência da fala é uma habilidade linguística resultante de diferentes fatores, como: hesitações, reformulações, pausas fluentes, taxa de elocução, facilidade na emissão, habilidade gramatical e complexidade semântica. Sendo essas características constituintes da fluência, precisa-se caracterizar como ela ocorre nos falantes. Assim este estudo tem por objetivo investigar as características da fluência presente na fala do florianopolitano. Esta pesquisa foi realizada com moradores das colônias de pescadores do sul da ilha, residentes nas proximidades das praias dos bairros: Tapera, Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha. Foi realizado um estudo quantitativo transversal descritivo, com amostra de conveniência. Analisou-se as tipologias de rupturas comuns e gagas, velocidade de fala e a frequência de ruptura. Os achados desta pesquisa foram confrontados com estudos que trazem resultados obtidos por sujeitos fluentes, gagos e taquifêmicos. A variável sexo também foi analisada entre os participantes, bem como a comparação da fluência da fala dos florianopolitanos com a fluência da fala dos sujeitos do estudo de Martins (2007), residentes na cidade de São Paulo e Grande São Paulo. Os resultados mostraram que a tipologia de maior ocorrência foram as interjeições. O florianopolitano apresentou poucas disfluências comuns, tendo valor dentro da normalidade. As disfluências gagas mostraram valor superior ao alcançado por sujeitos fluentes e taquifêmicos, entretanto, tiveram valor inferior ao grupo de sujeitos gagos. A velocidade de fala alcançou valores superiores aos encontrados em sujeitos fluentes, estando próxima ao obtido por sujeitos taquifêmicos. Esse resultado mostra a importância em considerar-se o contexto no qual o sujeito está inserido, para que não ocorram diagnósticos equivocados e a patologização de toda uma população. Os valores de frequência de ruptura, referentes à porcentagem de descontinuidade de fala apresentaram-se dentro do esperado para sujeitos fluentes. A porcentagem de disfluências gagas teve valor superior ao obtido por sujeitos fluentes e inferior ao obtido por sujeitos gagos. Ao comparar os sexos, o sexo feminino possui uma fala com maior velocidade, enquanto o sexo masculino realizou mais tipologias de rupturas e teve maior frequência de ruptura. A análise entre a fluência da fala dos participantes de Florianópolis e a fluência da fala dos sujeitos do estudo de Martins (2007), mostrou que

as disfluências comuns e as disfluências gegas foram superiores em sujeitos de São Paulo e Grande São Paulo. Contudo, a velocidade de fala encontrada nos sujeitos de Florianópolis teve valor superior. Os sujeitos da pesquisa de Martins (2007) obtiveram maior porcentagem de descontinuidade de fala. Desta forma, conclui-se que estudos que considerem a variação linguística são de grande importância, visto que, ocorrem modificações na fluência da fala de acordo com a regionalidade dos sujeitos.

Palavras-chave: Fluência. Fala. Florianópolis.

ABSTRACT

Speech fluency is a linguistic skill that is a result of different factors, such as: hesitations, reformulations, fluent pauses, speech rate, ease for production, grammatical ability, and semantic complexity. Since these are characteristics that constitute fluency, it is necessary to analyze how they occur in speakers. In this sense, this study aims at investigating the fluency characteristics present in the speech of people from the city of Florianópolis. This piece of research was conducted with inhabitants of the fisher villages in the South of the island, near beaches of the following neighborhoods: Tapera, Pântano do Sul, and Ribeirão da Ilha. A quantitative cross-sectional descriptive study with a convenience sample was conducted. The typologies of common speech disruptions and stuttering, the speech speed, and the disruption frequency were analyzed. The findings of this study were confronted with other pieces of research that include results obtained by fluent, stuttering, and cluttering subjects. The gender variable as well as the comparison between the speech fluency of the participants from Florianópolis and the one from the subjects in Martins' study (2007), who were residents of São Paulo and its surrounding area, were also analyzed. The results showed that the most common typology was the interjection. The participants from Florianópolis presented few common disfluencies with a value that can be considered normal or average. The stuttering disfluencies showed a higher value in comparison to the ones achieved by fluent and cluttering subjects. However, they had a lower value when compared to the stuttering group. Speech speed reached higher values than the ones found in fluent subjects, being closer to the number obtained by cluttering subjects. The results emphasize the importance of considering the context in which the subject is inserted so as to avoid misguided diagnosis and the pathologization of an entire population. The values of disruption frequency related to the percentage of speech discontinuity were within what can be expected from fluent subjects. The percentage of stuttering disfluencies had a much higher level if compared to the one obtained by fluent subjects, and lower when compared to the stuttering subjects. While comparing gender, it was observed that females presented speech with a faster speed, while the males presented more disruption typologies and a higher disruption frequency. The comparative analysis between the speech fluency of the participants from

Florianópolis and the speech fluency of the subjects studied by Martins (2007) showed that the common as well as the stuttering disfluencies were higher in subjects from São Paulo and its surrounding area. Nevertheless, the speech speed found in subjects from Florianópolis had a higher value. The subjects in Martins' study (2007) obtained a higher percentage for speech discontinuity. In this sense, it can be concluded that studies that take into consideration linguistic variation are of great importance, since modifications in speech fluency occur according to the origin of the subjects.

Key-words: Fluency. Speech. Florianópolis.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Velocidade de fala em palavras por minuto	49
FIGURA 2- Velocidade de fala em sílabas por minuto	49
FIGURA 3- Porcentagem de descontinuidade de fala.....	50
FIGURA 4- Porcentagem de disfluências gagas	50

LISTA DE GRÁFICOS

Histograma 1— Ordem de ocorrência das tipologias de rupturas comuns e gagas	53
Histograma 2— Média de ocorrência das tipologias de rupturas comuns e gagas	54
Gráfico 1 — Comparação entre as disfluências comuns e as disfluências gagas	59
Gráfico 2 — Velocidade de fala: palavras por minuto e sílabas por minuto	60
Gráfico 3 —Tipologia de rupturas: análise entre os sexos.....	65
Gráfico 4 — Velocidade de fala: análise entre os sexos... ..	66
Gráfico 5 — Frequência de rupturas: porcentagem de descontinuidade de fala e porcentagem de disfluências gagas.....	68
Gráfico 6 —Tipologia de rupturas: comparação entre sujeitos de Florianópolis e de São Paulo/ Grande São Paulo	69
Gráfico 7— Velocidade de fala: comparação entre sujeitos de Florianópolis e São Paulo/ Grande São Paulo	70
Gráfico 8 — Frequência de rupturas: porcentagem de descontinuidade de fala, comparação entre sujeitos de Florianópolis e São Paulo/Grande São Paulo	71

LISTA DE SIGLAS

ABFW – Teste de Linguagem Infantil: nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática

CID 10 – Código Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde

DSM IV – Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais

IBGE – Instituto Brasileiro em Geografia e Estatística

OMS – Organização Mundial de Saúde

VARISUL – Variação Linguística na Região Sul do Brasil

ASHA – American Speech Language Hearing Association

SUMÁRIO

1.INTRODUÇÃO.....	15
2. MARCO TEÓRICO.....	22
2.1 A FLUÊNCIA DA FALA.....	22
2.2 ABORDANDO FLUÊNCIA, DISFLUÊNCIA, GAGUEIRA, TAQUIFEMIA E TAQUILALIA - CONCEITOS E DIFERENCIAÇÕES.....	24
2.3 ANÁLISE DA FLUÊNCIA DA FALA.....	31
2.4 O PERFIL DA FLUÊNCIA DA FALA.....	34
2.5 VARIAÇÃO LINGÜÍSTICA E A FALA DO FLORIANOPOLITANO.....	38
3. METODOLOGIA.....	46
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....	52
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	75
6. REFERÊNCIAS.....	79
APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.....	87
ANEXO A – Protocolo do Perfil da Fluência da Fala (ANDRADE, 2000).....	89
ANEXO B – Tabela para anotação.....	92
ANEXO C – Fórmulas.....	93

1. INTRODUÇÃO

A atual cidade de Florianópolis (antigamente chamada de Nossa Senhora do Desterro, nome dado em homenagem à mãe de Cristo) localiza-se na região sul do país, é a capital de Santa Catarina. A cidade é conhecida popularmente como “Ilha da Magia” e, no ano de 1700, tinha aproximadamente 200 moradores.

O local passou muito tempo esquecido, até que D. João de Portugal pensou em trazer os portugueses da Ilha dos Açores para morar na região, pois já estavam habituados ao tipo de clima e a viver numa ilha, o que facilitaria a sua adaptação. O povo que, estava acostumado a uma situação de miséria, vivendo entre grandes conflitos na Ilha dos Açores, aceitou a proposta de se mudar, iniciando, dessa forma, a colonização em 1748.

Para os imigrantes que vinham habitar a cidade eram oferecidos: machado, foice, sementes para iniciar a plantação de trigo, dentre outras coisas. Sendo assim, os açorianos tornaram-se agricultores, produtores de farinha, e trabalhavam com a pesca, vivendo da terra e do mar. A farinha e o peixe são, até hoje, alimentos que se tornaram marcantes na história da cidade de Florianópolis e presentes na mesa dos manezinhos da ilha¹, como são conhecidos os nativos da cidade.

Os açorianos tinham seus ranchos de canoa² na praia e residiam próximo a eles, tendo no fundo do quintal de suas casas espaços para as plantações. Apenas com a pesca artesanal não era possível conseguir sustentarem-se. Nas épocas de pesca, os peixes eram abundantes, porém não havia muitos compradores, diferente da realidade atual, em que há compradores, mas a quantidade de peixes está diminuindo de maneira crescente.

¹ A história da origem do termo “Mané”, em Florianópolis, é conhecida popularmente como consequência de uma “fala rápida”, que resultou em má interpretação. O nome Manoel era comum para os portugueses que vieram residir na cidade, o nome Manoel da ilha foi interpretado erroneamente pelos habitantes, sendo entendido como “Mané da ilha”, ficando assim, caracterizado o morador do interior de Florianópolis (ROSA, 2009).

² O Rancho de canoa, também chamado de rancho de pesca é em geral uma construção precária, na maioria das vezes era de madeira. Serve para abrigar os pescadores e guardar os instrumentos de pesca, como: canoas, botes, as famosas tarrafas (redes) que eram feitas pelos pescadores e utilizadas para a pesca (GODIO, 2012).

De acordo com Zanella, Balbinot e Pereira (2000), as mulheres dedicavam-se a casa, aos filhos, à renda de bilro, que era realizada inicialmente para entretenimento e era passada de geração para geração. Conforme o turismo foi aumentando, a renda de bilro³ foi sendo mais estimulada e ganhando valor econômico significativo. A pesca, a plantação de mandioca, as cantigas de roda, o boi mamão, as histórias sobre bruxas e lobisomens⁴ são importantes marcadores na história da cidade.

Conforme o Centro de Estudos Cultura e Cidadania (1996), antes da chegada dos açorianos à ilha de Santa Catarina, já havia a presença de povos indígenas. Entretanto, não se têm muitas informações sobre este dado e, com o passar do tempo, essa população tornou-se quase inexistente na região, dessa forma, a colonização predominante foi açoriana.

No ano de 1849, a cidade, até então chamada de Nossa Senhora do Desterro, trocou de nome no Governo Hercílio Luz, para Florianópolis, sendo essa uma “homenagem” para Floriano Peixoto⁵. Em 1926, houve a construção da Ponte Hercílio Luz, que ligava a ilha de Florianópolis ao continente.

Em 1900, Florianópolis tinha 32.220 habitantes, sendo que apenas 15 mil ainda moravam no interior. Conforme a migração para as regiões mais centrais ocorria, a pesca e a agricultura declinavam, pois eram exercidas no interior da ilha, próximo às praias, nas famosas colônias de pescadores, onde ainda mantinha-se a maior preservação da cultura açoriana.

A produção de farinha de mandioca foi se extinguindo e sendo substituída por farinhas de engenhos mecanizados e não mais engenhos de boi como antigamente. A pesca foi perdendo também seu espaço, poucos eram os que a realizavam. As colônias

³ A renda de bilro surgiu do bordado, e é praticada essencialmente por mulheres. O bilro é formado por pequenas peças de madeira, que em, sua parte superior, contém a linha, que quando trançada transforma-se em renda. Para armar a renda, utilizam-se almofadas, confeccionadas pelas próprias rendeiras, com tamanho variável e formato cilíndrico. As almofadas apóiam-se em caixas de madeira, também conhecidas como cangalha (ZANELLA; BALBINOT; PEREIRA, 2000).

⁴ São muitos os mitos e lendas popularmente conhecidos em Florianópolis. As mais famosas são as histórias sobre bruxas, falava-se que essas praticavam o mal e sempre que ocorria um acontecimento fora do normal, culpavam-nas. Há também várias histórias sobre lobisomem, acreditava-se que o mesmo era homem e aparecia na madrugada para assustar e perseguir (FARIAS, 2000).

⁵ Floriano Vieira Peixoto, também conhecido como consolidador da República, foi coronel do exército e político brasileiro. Mudar o nome da cidade para Florianópolis foi uma homenagem controversa ao mesmo, alguns acreditam que foi com o objetivo de parar a perseguição que Peixoto tinha com os habitantes da ilha de Santa Catarina, onde era muito temido, devido à quantidade de pessoas que mandou matar (CARUSO; CARUSO, 1977).

de pescadores transformaram-se em balneários, destino turístico de quem visita Florianópolis.

Grande parte das casas de pescadores, não permanece mais nos locais, não havendo rancho de canoa, tudo isso deu lugar a grandes investimentos imobiliários, casas luxuosas e barzinhos caros e muito badalados.

Segundo dados do Censo Demográfico realizado pelo Instituto Brasileiro em Geografia e Estatística (IBGE), no ano de 2010, em Florianópolis, havia cerca de 421.240 habitantes, sendo uma das cidades que mais cresce e se desenvolve.

Conforme Pagotto (2004), o crescimento populacional de Florianópolis não foi originado pela migração devido ao desenvolvimento industrial, mas sim em função da oportunidade de serviços, tanto públicos como privados e a boa qualidade de vida.

O norte da ilha é um dos locais onde há maior concentração de investimentos imobiliários, enquanto o sul da ilha apresenta um menor crescimento, tendo ainda a presença da população local. Os bairros Ribeirão da ilha e Tapera, localizados no sul da ilha de Florianópolis, distantes do centro da cidade, têm exemplos dessa população nativa. Neles muitas das ruas não são asfaltadas e várias tradições ainda se mantêm. O mesmo ocorre no bairro Pântano do Sul, que possui grande atividade de pesca e preservação dos costumes locais. Assim, esses três bairros são locais em que as colônias de pescadores ainda permanecem, resistindo ao grande avanço do desenvolvimento e do crescimento urbano, porém não é possível prever por quanto tempo isso será uma realidade.

Atualmente é comum chamar todo florianopolitano de manezinho da ilha. Contudo, segundo Fantin (2000), o termo manezinho da ilha era utilizado por moradores de Florianópolis que residiam na região central, para designar aqueles que moravam no interior da cidade. Essa denominação era tida como ofensiva, devido à evidente imagem de uma pessoa pobre e iletrada.

Conforme Severo (2004), a fala do manezinho residente nas regiões do interior da cidade de Florianópolis diferencia-se da fala de pessoas de outras cidades e até mesmo dos nativos que vivem no meio urbano de Florianópolis. Essa sutil diferença existente entre nativos do interior da ilha e da área urbana é encarada por alguns de forma preconceituosa, fazendo com que os primeiros sejam excluídos e desrespeitados,

sofrendo um estigma muito grande.

Através da linguagem o ser humano se constrói e projeta a sua identidade. Percebe-se que parte dos manezinhos da ilha sentem-se orgulhosos quanto à identidade que possui, enquanto a outra parte envergonha-se. O preconceito frequentemente vem de fora, mas às vezes é a própria pessoa que exerce contra si.

O preconceito não se refere apenas à fala, pois, muitas vezes, não se centraliza somente nesse aspecto, mas sim no falante. Ou seja, o preconceito está na história, na cultura, nas tradições, no modo de vida daquele falante, que é desvalorizado.

Segundo Lacerda (2013), o manezinho do meio rural foi visto por muito tempo como sendo sujeitos sem escolaridade e com uma vida mais simples, enquanto aqueles da área central tinham melhor renda e escolaridade.

Na atualidade está ocorrendo um processo de ressignificação da identidade Mané. Independente de residir no meio rural ou urbano, os nativos começaram a sentir orgulho de serem caracterizados e chamados de manezinhos da ilha, ou simplesmente Manés. Para reconhecimento da sua identidade e da importância de sua valorização foi instituído o dia estadual do manezinho da ilha, comemorado em 7 de janeiro.

Muitas pessoas que moram em outras regiões e vêm para Florianópolis percebem características únicas no falar dos nativos da região. Essas peculiaridades no falar florianopolitano são identificadas a partir do senso comum, como: “comer as palavras”, “falar rápido” e “repetições”. Considerando os parâmetros que caracterizam fisicamente a fluência, analisaremos a fala dos habitantes nativos da ilha de Santa Catarina.

Através do estudo de Lacerda (2013), observou-se que o Florianopolitano (manezinho da ilha), é conhecido popularmente por falar rápido e realizar algumas repetições em seu discurso. Como a velocidade de fala e as repetições são parâmetros para análise da fluência, este estudo trará contribuições uma vez que explicitará as características relativas à fluência da fala desta população.

Nunes (2011) traz uma descrição da fala típica do florianopolitano (manezinho da ilha), sendo conhecido popularmente por falar rápido e “comer” as palavras tendo alta taxa de elocução. Para Oliveira et al. (2007) “[...] a taxa de elocução⁶ e, não, as

⁶ Popularmente a taxa de elocução é tida como “velocidade de fala”. Segundo Merlo (2006), a taxa de elocução é relativa ao número de unidades linguísticas, ditas num determinado tempo, segundos ou minutos.

disfluências⁷, seria o componente que mais afeta o grau de fluência.”

Esta pesquisa foi realizada nas localidades menos urbanizadas da cidade, no sul da ilha de Florianópolis, nos bairros: Pântano do Sul, Ribeirão da Ilha e Tapera. Nesses bairros, ainda há uma grande preservação da cultura local e menor processo de crescimento, não havendo assim, grandes investimentos imobiliários. A maior parte dos moradores da região é formada por nativos e ainda preservam as tradições açorianas, mantendo-se as famosas colônias de pescadores.

Entretanto, não é previsível por quanto tempo essa cultura local irá conseguir manter-se, devido ao crescente avanço na urbanização da cidade, que leva a modificações linguísticas. Considerando-se que na região urbana da cidade já não se observa com tanta frequência a fala característica dos manezinhos da ilha, acredita-se que é necessário aproveitar a chance de estudar as características do falar desta população, visto que, com o número crescente de migração de pessoas vindas de outras regiões corre-se o risco de perder a oportunidade de conhecer a fala que caracteriza os nativos de Florianópolis.

Estudos sobre fluência da fala são importantes, não apenas visando descrever as patologias da fala, ou seja, a disfluência ou a gagueira. São necessários estudos que abordem a fluência, levando em consideração as variações regionais, ou seja, que estabeleçam os padrões de diferentes comunidades de fala. Mostrando a importância de se conhecer a língua.

A fluência da fala não pode ser vista como algo estático, como se de fato houvesse um padrão nacional, sem considerar que a mesma sofre diversas influências, dentre elas, influência cultural, social e regional. Assim, como não existe o padrão da produção do português, pois há diferentes dialetos, observa-se que com a fluência ocorre o mesmo. Cada dialeto tem características distintas. Estudos que mostrem as peculiaridades presentes nos falares regionais contribuem para o melhor conhecimento do português brasileiro. Por conta de toda essa variação, o profissional fonoaudiólogo precisa saber sobre a sua realidade local, para que as características culturais encontradas na fala dos sujeitos não sejam confundidas com algo fora da normalidade,

⁷ Andrade (2006) conceitua disfluência como sendo rupturas que ocorrem no decorrer da fala, de forma involuntária.

mas sim reconhecidas como fazendo parte das variedades linguísticas locais.

Espera-se que os parâmetros da fluência da fala do florianopolitano⁸ apresentem diferenças quando comparados a outros estudos realizados anteriormente, de diferentes regiões brasileiras, como por exemplo, o estudo de Martins (2007) um dos mais atuais na literatura, foi realizado com pessoas residentes do município de São Paulo e Grande São Paulo. Através deste estudo, serão realizadas comparações referentes aos parâmetros da fluência da fala: tipologias de rupturas, velocidade de fala e frequência de rupturas. Sendo verificadas possíveis influências regionais nos parâmetros da fluência da fala. Diante disso, o trabalho teve como objetivo geral investigar as características relativas à fluência da fala do florianopolitano.

Os objetivos específicos centram-se em:

- Verificar as tipologias de rupturas - disfluências comuns: hesitações, interjeições, revisões, palavras não terminadas e repetições de frases.
- Verificar as tipologias de rupturas - disfluências gagas: ocorrência de três ou mais repetições de sons e/ou sílabas e/ou palavras, prolongamentos, bloqueios e pausas.
- Caracterizar a velocidade de fala: palavras por minuto e sílabas por minuto.
- Analisar as frequências de rupturas: porcentagem de descontinuidade da fala florianopolitana e porcentagem de disfluências gagas.

Após a introdução há o marco teórico, que foi dividido em cinco subcapítulos. Posteriormente, a metodologia do estudo é exposta visando a compreensão do percurso realizado para investigar as características relativas à fluência da fala do florianopolitano. Na sequência, o trabalho traz a análise e a discussão dos dados alcançados no presente

⁸ A análise desta pesquisa foi realizada apenas com a região sul de Florianópolis. Porém o grupo de sujeitos é chamado de florianopolitano, apesar da pesquisa não envolver todos os sujeitos das diferentes regiões da cidade de Florianópolis.

estudo, confrontando os resultados obtidos pelos florianopolitanos. Com o que a literatura mostra como resultado em sujeitos considerados fluentes, gagos e taquifêmicos. Há também uma análise dos resultados entre o sexo feminino e masculino, assim como a realização de uma comparação entre os resultados obtidos por sujeitos nativos de Florianópolis com o alcançado por sujeitos do estudo de Martins (2007), residentes em São Paulo e Grande São Paulo.

Por fim, o trabalho realiza seu fechamento com as considerações finais deste estudo.

2. MARCO TEÓRICO

Este capítulo tem como objetivo trazer informações que possam auxiliar na compreensão do tema deste trabalho. O conteúdo apresentado foi separado em subcapítulos, de forma didática, para melhor compreensão.

O primeiro subcapítulo aborda as definições da fluência da fala e seus conceitos, assim como os tipos de fluência existentes.

O segundo subcapítulo traz como proposta verificar o que há na literatura sobre os seguintes conceitos: fluência da fala, disfluência, gagueira, taquifemia e taquilalia, definindo-os. Há também comparação entre as seguintes manifestações: fluência e disfluência, disfluência e gagueira, gagueira e taquifemia, taquifemia e taquilalia. Questões referentes aos achados na fala de sujeitos gagos, realização do trabalho fonoaudiológico com esses sujeitos e os tipos de gagueira, também são rapidamente mencionados nesse subcapítulo.

No terceiro subcapítulo, é abordada uma possibilidade de verificar o perfil da fluência da fala, a partir das especificações dos parâmetros analisados (tipologia das rupturas, velocidade de fala e frequências de rupturas), assim como explicações sobre esses parâmetros.

O quarto subcapítulo, tem como objetivo mostrar estudos que contenham informações sobre o perfil da fluência da fala, levando em consideração diferentes variáveis, como: idade, escolaridade, gênero, dentre outras.

Por fim, o quinto subcapítulo, tem como intuito trazer as definições e estudos que caracterizem a fala do nativo de Florianópolis, ressaltando a heterogeneidade da língua e abandonando a ideia de superioridade linguística.

2.1 A FLUÊNCIA DA FALA

Segundo Andrade (1999 apud DUARTE; CRENITTE; HERRERA, 2009), o conceito de fluência é tido como uma emissão contínua com suavidade, estando relacionada aos aspectos de continuidade e velocidade de fala ao produzir as unidades fonológicas, sintáticas, lexicais e morfológicas.

Para a autora, a fala fluente é aquela em que é possível produzir um longo enunciado sem haver esforço e com grande continuidade. A fala disfluente pode ser caracterizada como sendo aquela na qual aparecem rupturas não voluntárias no fluxo da fala, sem suavidade, com ritmo inadequado e presença de esforço na emissão.

Scarpa (1995) explica por que a grande maioria das definições de fluência da fala são associadas à falta de capacidade e à negatividade, pois há poucos trabalhos que visam à fluência, a grande maioria refere-se somente aos distúrbios e as técnicas terapêuticas.

De acordo com Watson (1997 apud MEIRA, 2009), os processos cognitivos, motores da fala e linguísticos compõem a fluência. Tudo inicia pelo nível cognitivo com a intencionalidade de comunicação, a partir da formulação daquilo que será dito através das emoções, de eventos anteriores, conhecimento prévio do conteúdo dito, dentre outros aspectos. No nível linguístico ocorre a escolha semântica e lexical apropriada. No nível motor, há um estágio denominado pré-programação, logo após o estágio de programação e, por fim, o de execução. Inicialmente, no nível de pré-programação, assim como no da programação, ocorre codificação dos padrões fonéticos e também dos neuromotores. Por fim, no nível de execução os padrões motores são realizados através de contrações musculares sequenciais e das articulações. Nesse nível é fundamental eficiência, sincronização e integridade de todos os componentes em todos os níveis do processo descrito acima para haver boa fluência da fala.

Meira (2009) é uma das poucas autoras que relata em seu trabalho a relação da fluência da fala com qualidade associada à presença de um tônus muscular com equilíbrio durante a respiração, fonação e também na articulação.

Segundo Merlo (2006), a fluência da fala é formada por alguns componentes, sendo eles: baixa frequência de hesitações e de reformulações, pausas silenciosas e fluentes, pausas curtas e pouco frequentes, boa habilidade gramatical e diminuição da complexidade semântica.

Há diferentes tipos de fluência. Moura, Simões e Pereira (2013) abordam a fluência verbal semântica e fluência verbal fonológica. A fluência verbal semântica é testada através de uma prova em que o sujeito deve emitir o maior número possível de palavras de uma determinada categoria semântica. Utiliza-se com maior frequência a

categoria de animais, alimentos e frutos. A fluência verbal fonológica é analisada a partir da produção do maior número de palavras que iniciam com a mesma letra. Nessa produção, não deve conter nomes próprios e nem derivar as palavras.

Portanto, ressalta-se que a compreensão sobre os conceitos e definições da fluência da fala é de grande importância, porém, há outros conceitos relevantes, desta forma há também a necessidade de abordá-los neste estudo.

Para American Speech Language Hearing Association (ASHA) (1999), ressaltam-se os conceitos de fluência, disfluência, gagueira e taquifemia. Há ainda autores que também contemplam a taquilalia. Essas manifestações mencionadas anteriormente serão abordadas no subcapítulo seguinte, trazendo seus conceitos e definições.

2.2 ABORDANDO FLUÊNCIA, DISFLUÊNCIA, GAGUEIRA, TAQUIFEMIA E TAQUILALIA – CONCEITOS E DIFERENCIAÇÕES.

Neste subcapítulo serão abordados os conceitos e definições de fluência, disfluência, gagueira, taquifemia e taquilalia. Comparações entre essas manifestações também serão contempladas, objetivando fornecer maiores esclarecimentos e facilitar a compreensão.

Segundo Merlo (2006, p.31):

Fluência é uma habilidade linguística que resulta do acoplamento entre fatores que auxiliam a continuidade textual, como: hesitações, reformulações, pausas fluentes, taxa de elocução, facilidade de emissão, habilidade gramatical e complexidade semântica. Um conceito utilizado em língua materna, segunda língua e língua estrangeira. Suscetível a alterações, como ocorre nas gagueiras, na taquilalia e na taquifemia.

Conforme Friedman (2009) há muitas discussões acerca da definição do termo fluência. Para autora, a fluência da fala é algo extremamente complexo, que surge a partir da interação de pelo menos, três fatores: orgânicos, correspondentes às condições biológicas do sujeito, psíquicos, referente às subjetividades de cada ser e, por fim, o

social, estando nestes incluídos as questões culturais, hábitos, crenças, dentre outros. Os dois primeiros fatores citados são internos ao sujeito e o terceiro, externo.

Arcuri et al. (2009) ressalta que na fala fluente a movimentação do trato vocal ocorre sem dificuldade e sem esforço. Movimentos com uma velocidade mais acentuada levam a uma maior demanda muscular, em casos de atividade superior à capacidade adequada pode haver contração da musculatura que ocasiona oscilações.

Meira (2009) esclarece que a fala dentro do padrão da normalidade é composta por momentos de fluência e disfluência. Quando ocorre disfluência num falante normal em sua fala habitual, muitas vezes ela nem é percebida pelos seus interlocutores, que a aceitam naturalmente. Julga-se patológico quando as disfluências são mais sistemáticas, com maior estruturação, sendo mais perceptível aos ouvintes.

Qualquer indivíduo fluente pode apresentar momentos de disfluência em sua fala, assim como o inverso também ocorre, sujeitos disfluentes também podem apresentar momentos de fluência em seu discurso. Quem é fluente, não é fluente o tempo todo, assim como quem é gago não gagueja sempre, todos os sujeitos passam por esses dois momentos, de fluência e disfluência. Dessa forma, não devemos pensar nesses dois conceitos como sendo opostos, visto que, dentro de um discurso há momentos de fluência e de disfluência, independente de ser um falante considerado fluente ou gago. A ideia de um falante ideal, que não apresenta disfluências, deve ser desconstruída.

Andrade (2000) propõe para análise do perfil da fluência da fala, verificar as seguintes questões: tipologia das rupturas (disfluências comuns e disfluências gagas), velocidade de fala (fluxo de palavras por minuto e fluxo de sílabas por minuto) e frequência de rupturas (porcentagem de descontinuidade de fala).

De acordo com Martins e Andrade (2008), a velocidade de fala modifica-se no decorrer da vida, crianças falam mais lentamente quando comparadas com adolescentes e adultos, porém ficam próximas aos idosos, o que sugere inicialmente a maturação do sistema neuromotor e, posteriormente, sua degenerescência.

Segundo Martins (2007), as disfluências comuns e as descontinuidades da fala são instáveis em crianças, continuando assim em adolescentes, porém em adultos ocorre uma estabilização, enquanto nos idosos há uma diminuição desses parâmetros e um posterior aumento quando chegam próximos aos 80 anos.

Degiovani (2010) ressalta que algumas patologias que afetam o sistema nervoso central podem ter como manifestação a disfluência, sendo importante que o profissional que lida com tais dificuldades não a identifique erroneamente como sendo gagueira. A disfluência neurológica precisa de muito cuidado na sua identificação, os profissionais devem estar atentos a algumas questões para realizar o diagnóstico, como por exemplo, se há ou não afasia ou dificuldade de nomeação. Porém, pode haver casos em que o sujeito tenha afasia e disfluência ou demência e disfluência. A existência de uma dessas patologias não elimina a possibilidade de ocorrência de outra, portanto, é necessário atenção para a associação de mais de uma alteração. A disfluência neurológica é a manifestação de uma alteração neurológica, podendo aparecer como a primeira alteração de um quadro neurológico. As manifestações dentro desta alteração vão variar conforme os sujeitos e suas alterações neurológicas. Ribeiro (2005) ressalta a importância de encaminhamento desses pacientes com disfluência neurológica aos profissionais necessários, principalmente para o médico neurologista. A escolha do tratamento deve ser pensada em conjunto com uma equipe multidisciplinar.

Segundo Bohnen (2009), a fluência é difícil de definir, assim como a gagueira. Há casos em que uma é mais bem entendida quando comparada com a outra. Andrade (1997) complementa dizendo que a disfluência é configurada como sendo uma quebra no fluxo contínuo da fala. Arcuri et al. (2009) finalizam dizendo que a disfluência é a principal manifestação da gagueira.

A Organização Mundial da Saúde (OMS) traz o código internacional de doenças e problemas relacionados à saúde, conhecido como: CID 10, F 98.5 (1997). O código apresenta o termo tartamudez ao se referir à gagueira. Sua classificação é tida pela existência de repetições, prolongamentos, hesitações e pausas que perturbem a fluência verbal, sendo considerado como transtorno quando há intensidade suficiente para afetar a fluência.

A Associação Psiquiátrica Americana traz o manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais, o DSM IV⁹ (2002), no qual a gagueira também aparece denominada pelo termo tartamudez, sendo considerada uma alteração na fluência da

⁹ Este estudo optou em trazer o DSM IV, pois apesar de já existir o DSM V, o mesmo ainda não foi traduzido para o português, além de ainda não estar sendo aceito pela área.

fala, podendo ser associada a movimentos motores.

A tartamudez aparece na DSM IV com o código 307.0. Para ser diagnosticado com tartamudez o sujeito precisa ter ocorrência frequente de apenas uma ou mais manifestações, são elas: repetições de sons e sílabas, prolongamentos de sons, interjeições, palavras não terminadas, bloqueios, substituição de palavras, tensão no momento da produção e repetições de palavras monossílabas.

Segundo Barbosa (2005), a fala do sujeito com gagueira pode conter bloqueios, três ou mais repetições de sons, sílabas ou parte de palavras e prolongamentos. Há possibilidade de ocorrência de sintomas secundários, como: aumento da tensão física, tremores e a presença de sentimentos negativos associados ao ato de falar, que o sujeito não consegue controlar. Esses sintomas são persistentes e conhecidos popularmente como “tiques”. Contorções faciais, movimentos de cabeça, braço e mandíbula, também podem aparecer em alguns quadros de gagueira.

Carneiro e Scarpa (2012) afirmam que não são homogêneas as características presentes na fala do sujeito gago, cada manifestação da fala é única e imprevisível. Estando a heterogeneidade e a imprevisibilidade associada à variabilidade da relação do sujeito com a própria fala, com as estruturas da língua e com seu interlocutor.

Pinto, Schiefer e Ávila (2013) em seu estudo constataram que sujeitos gagos apresentam uma média de velocidade de fala mais baixa, porém as disfluências têm grande ocorrência, tendo altos valores.

Souza e Cardoso (2013) realizaram um levantamento bibliográfico sobre os tratamentos das disfluências mais abordados na literatura e constataram um maior número de trabalhos voltados à utilização de estratégias para trabalhar o controle motor da fala, com atividades envolvendo questões linguísticas e cognitivas, para os sujeitos autoperceberem-se enquanto falantes.

Carvalho et al. (2013) traz a importância de contextualizar a terapia fonoaudiológica, realizando conversações próximas à realidade do sujeito, com aquilo que está dentro do seu cotidiano.

Para Bohnen (2009), a complexidade da gagueira ocorre devido as suas variações. Apesar da não uniformidade das manifestações, geralmente as palavras gaguejadas possuem de uma a três sílabas, sendo predominantemente nas primeiras

sílabas das palavras.

A gagueira ocorre em indivíduos de diferentes raças, culturas, escolaridade e nível socioeconômico. Sendo mais frequente em algumas famílias, ou seja, em muitos casos o sujeito gago tem algum familiar que também tem gagueira.

No estudo de Bohnen (2009), a autora objetivou verificar o quanto a idade pode influenciar na gagueira. Após análise não foi constatado aumento da severidade da gagueira conforme o sujeito vai envelhecendo. Sendo assim, não é possível afirmar que com o avançar da idade as manifestações da gagueira se agravem.

Barbosa (2005) apresenta uma diferenciação entre disfluência e gagueira. Na disfluência ocorrem uma ou duas repetições, enquanto na gagueira ocorrem três ou mais repetições. Tanto na disfluência, quanto na gagueira podem ocorrer interjeições, hesitações e revisões, porém, as pausas tensas, assim como os bloqueios e prolongamentos são mais característicos da gagueira. Na disfluência, um discurso que contém 100 palavras, menos de 10 palavras são disfluentes, enquanto na gagueira, esse número pode ser igual ou maior do que 10 palavras.

Degiovani (2005) diz que não se pode considerar qualquer distúrbio da fluência da fala como sendo gagueira, pois a mesma tem seu início geralmente na infância e em alguns casos na adolescência. Quando o distúrbio da fluência ocorre na fase adulta, precisa haver mais atenção, pois pode-se pensar na hipótese de disfluência psicogênica ou disfluência neurológica.

De acordo com Bomfim e Barbieri (2009), a gagueira psicogênica surge devido a anormalidades psicopatológicas, enquanto a gagueira neurogênica é atribuída a um problema traumático ou vascular. Cavenini, Chiari e Piazzini (2002) complementam relatando que na gagueira neurogênica há anormalidades no controle motor.

Dentre os diferentes tipos de gagueira, há uma que ocorre na infância. De acordo com Juste e Andrade (2006), pode-se classificar esta como sendo a gagueira do desenvolvimento, ocorrendo durante a aquisição e o desenvolvimento da linguagem, caracterizando-se como uma desordem crônica.

Oliveira et al. (2013a), relatam que a gagueira desenvolvimental pode se subdividir em dois grupos. O primeiro grupo de gagueira desenvolvimental persistente familiar, no qual há fatores genéticos e o segundo grupo de gagueira desenvolvimental

persistente isolada, sem fatores genéticos. Portando ambos os grupos tiveram o surgimento da gagueira na infância, porém se diferenciam quanto à presença ou ausência de casos na família de sujeitos com gagueira. Os autores constataram que apesar de serem dois grupos, ao analisar o perfil da fluência destes, os mesmos são semelhantes nos aspectos de velocidade de fala, disfluências gegas e gravidade da gagueira. Ou seja, a predisposição genética não foi fator determinante para haver diferenciação no perfil da fluência da fala entre os grupos.

Arcuri et al. (2009) afirmam que a gravidade da gagueira é um fator importante de ser levantado e analisado, pois há diferenças nos parâmetros de análise do perfil da fluência da fala de acordo com a gravidade da gagueira.

Além da gagueira, ainda existe a taquifemia, classificada por Sassi, Campanatti-Ostiz e Andrade (2001) como uma fala com velocidade aumentada, as disfluências excessivas também são marcantes nesse quadro. A taquifemia pode ocorrer de maneira isolada ou coexistir com a gagueira. E a taquilalia é classificada como uma fala em alta velocidade, apresentando essa característica como único sintoma.

No Código Internacional de Doenças, o CID 10, F 98.6 (1997), os termos taquilalia e taquifemia não aparecem no campo de busca, há apenas o termo linguagem precipitada, sendo definido como velocidade rápida e anormal, ritmo irregular, não havendo repetições e hesitações, sendo essas características tão intensas que acabam por comprometer a inteligibilidade do discurso.

De acordo com Vieira (2006), a taquilalia pode ser conceituada como uma fala com alto fluxo, podendo ocorrer em ambos os sexos.

Ribeiro (2005) comenta que na taquifemia o sujeito não tem a percepção para a sua alteração de fala, apresenta dificuldades para organizar o pensamento e geralmente a fala antecede a organização do discurso.

Sujeitos taquifêmicos apresentam algumas manifestações características, sendo elas a velocidade de fala elevada, voz monótona, prolongamento de vogais e alteração motora e articulatória. Pode haver casos onde há dificuldades com ritmo e musicalidade, assim como, problemas de escrita e leitura, com histórico de dificuldades escolares.

Diferenciar a taquifemia da gagueira é de extrema relevância, porém sujeitos

podem apresentar as duas alterações. A terapia da taquifemia é de maior complexidade quando comparada a da gagueira, principalmente pela necessidade de um trabalho intenso voltado para a percepção do sujeito para a sua fala. Ressalta-se que é frequente o distúrbio do processamento auditivo central nessa população.

O estudo realizado por Souza et al. (2013), faz uma comparação das tipologias de rupturas e frequência das disfluências em dois grupos de sujeitos adultos, o primeiro grupo composto por indivíduos com gagueira e o segundo grupo composto por indivíduos com taquifemia. Os achados gerais mostraram aquilo que esperava-se, que os sujeitos com taquifemia possuíam um maior número de disfluências comuns e aqueles com gagueira um maior número de disfluências gags. Ao analisar as disfluências gags em ambos os grupos, percebe-se que adultos com taquifemia tiveram mais repetições de parte de palavras e prolongamentos, enquanto os gags apresentaram as mesmas manifestações, além de outras tipologias de rupturas. Desta forma, há uma grande diferença no perfil de cada alteração.

A literatura sobre taquilalia é escassa, são poucos aqueles que se dedicam ao tema. No estudo de Nagib e Pascueto (2007) foi abordado a taquilalia e a taquifemia, trazendo suas diferenciações. A taquilalia e a taquifemia possuem alta taxa de elocução, ou seja, velocidade de fala extremamente rápida. A diferença entre a taquilalia e a taquifemia se deve ao fato da taquilalia ter sua manifestação resumida a uma velocidade de fala elevada, enquanto a taquifemia além da velocidade de fala elevada apresenta omissões de sílabas e palavras, podendo estender-se à escrita do sujeito, que geralmente apresenta dificuldades na mesma.

Neste subcapítulo, as definições de fluência, disfluência, gagueira, taquifemia e taquilalia foram contempladas. Comparações entre gagueira e disfluência, gagueira e taquifemia, taquifemia e taquilalia também apareceram no decorrer desse subcapítulo, sendo de fundamental importância diferenciá-las.

Há um número reduzido de estudos sobre a fluência da fala, enquanto sobre gagueira há um número muito superior. Ressalta-se a escassez de estudos sobre taquifemia e principalmente sobre a taquilalia.

No subcapítulo seguinte, o tema é voltado ao perfil da fluência da fala, trazendo diferentes estudos que a caracterizam.

2.3 ANÁLISES DA FLUÊNCIA DA FALA

Atualmente, há um número muito reduzido de propostas para análise da fluência da fala. O Teste de Linguagem Infantil: nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática (ABFW) de Andrade et al. (2011), traz a possibilidade de análise do perfil da fluência da fala, assim como o de outras questões que fazem parte da linguagem. O teste é referência para diagnósticos e planejamentos de condutas terapêuticas dos distúrbios da comunicação humana, além de ser um dos instrumentos mais utilizados para verificação da fluência da fala. Para análise do perfil da fluência da fala é necessário verificar os seguintes parâmetros: tipologias das rupturas, velocidade de fala e frequências de rupturas.

Segundo Andrade et al. (2011), as tipologias das rupturas classificam-se em disfluências comuns e disfluências gagas. Fazem parte das disfluências comuns a análise das hesitações (nas quais o sujeito parece estar procurando a palavra a dizer), interjeições (adição de sons, palavras ou frases que não fazem parte do assunto), revisões (modificação do que foi dito), palavras não terminadas (não há finalização da palavra), repetições de segmentos (repetição de no mínimo duas palavras) e repetições de frases (pronunciar repetidamente uma frase já realizada).

As disfluências gagas são analisadas de acordo com os seguintes parâmetros: duas ou mais repetições de sons, e/ou sílabas, e/ou repetições de palavras, prolongamentos (realização de um fonema com duração inapropriada), bloqueios (utilização de um tempo elevado para o início da produção de um som de fala, assim como a posição fixa para articulação), pausas (permanecer sem realizar a emissão por tempo superior a 2 segundos), e intrusões (inserir sons que não fazem parte do contexto).

Quanto à velocidade da fala, essa deve ser realizada de acordo com o número de palavras por minuto. Para a medição da taxa de produção do discurso é considerado o tempo total da amostra de fala, além de fazer a contagem geral do número de palavras ditas, realizando posteriormente o cálculo de divisão entre as duas informações, ou seja, entre o tempo e número de palavras. Ressalta-se que neste estudo foram consideradas

as palavras ortográficas.

Para medição da taxa de velocidade articulatória é necessário considerar também o tempo total da amostra de fala, fazer a contagem geral do número de sílabas ditas, realizando posteriormente o cálculo de divisão entre as duas informações, ou seja, entre o tempo e número de sílabas produzidas, contabilizando assim o número de sílabas por segundo.

O último quesito é a frequência de ruptura, que tem como um dos parâmetros de análise a porcentagem de descontinuidade da fala, para a medição dessa realiza-se a contagem do número de rupturas comuns e gags. A porcentagem de disfluências gags também é um parâmetro de análise, sendo contabilizadas todas as rupturas gags presentes no discurso do sujeito.

Cagliari (1992) classifica a pausa como função aerodinâmica, que permite ao falante respirar durante seu discurso nos momentos oportunos. A pausa possui ainda a função de segmentação da fala, podendo ocorrer após a pronúncia de frases, palavras e em sílabas quando se faz a silabação de uma determinada palavra. A utilização de pausas em momentos inapropriados é nomeada de hesitação, revelando que o sujeito está se reorganizando na produção da linguagem. No discurso em que as palavras são pronunciadas uma de cada vez, as pausas podem ser intencionais. Nesse caso o falante quer dar um reforço ao significado literal daquilo que está sendo dito.

Segundo Merlo (2006), as hesitações fazem parte do discurso de todos os falantes, sejam eles fluentes ou não, sendo assim, essa tipologia de ruptura não é restrita a aqueles que possuem algum distúrbio da fluência da fala.

Cagliari (2007) tem definição de tempo para sinônimo de velocidade de fala, deixando claro que velocidade de fala e ritmo de fala são coisas distintas e não devem ser usadas como sinônimos. A velocidade é a capacidade de variação na produção de um enunciado, podendo ser realizado de forma mais rápida ou mais lenta, sendo espontânea na maioria das vezes. Andrade (2006) afirma que, "o ritmo de fala refere-se à cadência ou melodia da linguagem oral, estabelecido por padrões de tonicidade e velocidade".

Segundo Silva e Meireles (2011) a taxa de elocução relaciona-se com o ritmo, ambos estão ligados, ao ponto de que, a elevação da taxa de elocução leva a mudança

no ritmo da fala, principalmente quanto ao léxico e a sentença.

Conforme Gargantini e Oliveira (2003), a fala sofre influência de acordo com o ritmo interno do falante e seus objetivos pretendidos durante a produção. O ritmo pode transmitir sentimentos de confiança ou insegurança para o ouvinte. Pode-se dizer que o mesmo é dependente das pausas realizadas, tempo da inspiração, modulação da voz, tempo utilizado para produção dos sons, sílabas e palavras, dentre outros aspectos.

A prosódia é classificada por Souza e Cardoso (2013) como sendo um elemento que conserva o ritmo e a entonação melódica presente na fala.

No estudo de Gonçalves (2013), a autora teve como objetivo estabelecer a taxa de elocução e a taxa de articulação em corpus forense, em situações comumente feitas pela perícia, no processo de comparação entre os locutores. O estudo teve como intenção incorporar as taxas de elocução e a taxa de articulação aos parâmetros analisados na perícia, ressaltando a importância da análise da velocidade de fala, pois esse é um parâmetro que pode ajudar a identificar sujeitos.

Oliveira et al. (2013b) buscaram em seu estudo identificar uma possível correlação entre a taxa de elocução e disfluências comuns. Constatou que conforme ocorria uma elevação na taxa de elocução as quantidades de disfluências comuns também aumentavam.

Esse subcapítulo mostrou que são poucas as propostas de análise da fluência da fala, principalmente aquelas voltadas a uma amostra de fala real, numa situação contextualizada.

Para análise da fluência da fala os seguintes parâmetros são de extrema relevância: tipologias das rupturas, velocidade de fala e frequências de rupturas. As especificações de cada um desses parâmetros devem ser analisadas minuciosamente, garantindo assim valores precisos.

No próximo subcapítulo será apresentado o que a literatura traz sobre o perfil da fluência da fala, considerando variáveis como: escolaridade, idade, gênero, dentre outros aspectos. Possibilitando uma reflexão acerca da interferência de determinadas variáveis na fluência da fala.

2.4 O PERFIL DA FLUÊNCIA DA FALA

Há poucos estudos sobre fluência, a grande maioria na área fonoaudiológica ainda centra-se apenas nas patologias. Martins (2007) realizou quatro estudos sobre o perfil da fluência no falante de português brasileiro. Participaram desse estudo 594 indivíduos fluentes de ambos os gêneros e de diferentes idades, moradores da cidade de São Paulo e Grande São Paulo. Analisaram-se os seguintes parâmetros da fluência da fala: tipologias de rupturas, velocidade de fala e porcentagem de descontinuidade de fala.

O primeiro estudo realizado objetivou mostrar a evolução da fluência da fala nas diferentes idades, não havendo grande variabilidade quanto às rupturas de fala, porém há diferença significativa para a velocidade de fala, mostrando assim que esse parâmetro varia no decorrer da vida. As disfluências comuns não mostraram grande diferença ao comparar com os quatro principais grupos, de crianças, adolescentes, adultos e idosos. As disfluências comuns variaram entre 14 e 16,86 em crianças (idade entre 2 a 11:11 anos), em adolescentes na fase inicial da adolescência (idade entre 12 a 14:11 anos) obteve-se a média de 16,91, e na fase final da adolescência (idade entre 15 a 17:11) a média alcançada foi de 14,34. Os adultos (idade entre 18 aos 59:11 anos) tiveram seus valores entre 14,32 a 15,26, enquanto os idosos (sujeitos com idade a partir de 60 anos) atingiram resultados de 10,98 a 15,38 disfluências comuns. Os valores das disfluências gagas mostraram-se bem similares, o valor máximo obtido foi 4,22 atingido por adolescentes, enquanto o mínimo foi 1,79 obtido por idosos. Na porcentagem de descontinuidade de fala obteve-se o máximo em 10,55% em adolescentes e o mínimo em 6,96% em idosos. Dessa forma, as autoras concluíram que não houve um resultado tão significativo a ponto de poder afirmar que as disfluências variam com o decorrer da vida.

Quanto à velocidade de fala, os achados mostraram que o grupo das crianças obteve o seu valor máximo em apenas 84,62 palavras por minuto, enquanto o grupo dos adolescentes na fase inicial teve a seu valor máximo em 93,5 e os adolescentes na fase final alcançaram 109,3. O grupo formado por adultos obteve 119,05 como valor máximo e o grupo formado por idosos teve o seu valor em 118,4 palavras por minuto.

Quanto às sílabas por minuto, o grupo das crianças obteve o valor máximo em 159,79, os adolescentes na fase inicial em 166,6 e na fase final em 200,4. O grupo dos adultos obteve o valor máximo em 224,24 e o dos idosos alcançaram 216,95 sílabas por minuto.

Dessa forma, através da análise dos valores de palavras por minuto e sílabas por minuto, pode-se dizer que a velocidade de fala varia no decorrer da vida. O valor da velocidade de fala é menor em crianças, após há um aumento da velocidade de fala na fase inicial e final da adolescência. Ao chegar na fase adulta os sujeitos alcançam o nível máximo de velocidade de fala, porém essa vai gradativamente diminuindo quando os sujeitos tornam-se idosos. A falta de estabilidade no controle motor para produção da fala reflete nos resultados obtidos, mostrando que esse é provavelmente um fator que interfere na velocidade da fala.

No segundo estudo, foram verificadas as possíveis variações da fluência da fala em decorrência do gênero (feminino e masculino) e as fases da adolescência (inicial dos 12 aos 14 e final dos 15 aos 17). Observou-se que os gêneros não exercem influência significativa nas variáveis analisadas. Visto que, os resultados obtidos nas disfluências comuns foram de 15,35 para o gênero feminino e 16,04 para o masculino, enquanto nas disfluências gagas o gênero feminino apresentou 3,06 e o gênero masculino 3,14. Ao observar a porcentagem de descontinuidade de fala o gênero feminino obteve 9,56 e o gênero masculino 9,59. A velocidade de fala em palavras por minuto foi de 103,3 para o gênero feminino e 98,4 para o gênero masculino. Ao analisar as sílabas por minuto também se obteve pouca diferença, tendo um valor superior para o gênero feminino, que alcançou o valor de 187,1 sílabas por minuto, enquanto o masculino obteve apenas 177,9 sílabas por minuto.

Ao analisar as diferentes fases da adolescência (adolescência inicial, dos 12 aos 14 anos e adolescência final, dos 15 aos 17 anos), constataram-se diversas diferenças. Percebe-se que ocorre menor prevalência de rupturas de fala, além de ocorrer elevação na velocidade de fala conforme a idade aumenta.

O terceiro estudo trouxe a proposta de analisar se há interferência do gênero e do nível de escolaridade no perfil da fluência. O estudo não constatou diferença significativa, porém encontrou maior número de interjeições e revisões nos participantes

com nível fundamental, enquanto aqueles que haviam cursado o nível superior apresentaram um maior número de prolongamentos. Pois espera-se que o discurso de indivíduos com mais escolaridade tenha maior flexibilidade, mais precisão no que está sendo dito e poucas interjeições, pois dentro do meio acadêmico o discurso deve ser o mais formal possível, sem a utilização de gírias, por exemplo.

Por fim, o quarto estudo apresenta a análise das especificidades presentes na fluência de idosos. Este grupo foi comparado conforme os seguintes aspectos: décadas de vida, grupo de idosos e grupo de idosos com mais de 80 anos. Em idosos com mais de 80 anos, houve aumento significativo nas taxas de rupturas e diminuição da velocidade da fala.

De acordo com Meireles e Barbosa (2009), a taxa de elocução é influenciada pelo gênero. Em seu estudo o autor constatou diferença de 11,5% entre os gêneros, sendo o gênero masculino mais rápido do que o feminino.

Dorze e Bédard (1998 apud MERLO, 2006) realizaram um estudo com participantes de diferentes graus de escolaridade, os mesmos tinham idade entre 25 a 85 anos. A amostra de fala foi coletada a partir da descrição de figuras. O autor observou que os participantes com nível superior tiveram mais facilidade em seu discurso, utilizando mais conceitos. Desta forma, sujeitos com nível superior podem ser considerados mais fluentes quando comparados com aqueles de nível fundamental.

Segundo Meira (2009), existem muitas questões do próprio sujeito que influenciam nos parâmetros da fluência da fala. A velocidade por exemplo, pode ser lenta ou rápida, e geralmente condiz com o modo de ser do falante. Alguns sujeitos tem um ritmo de vida mais acelerado, é a sua forma habitual de ser e isso passa para a fala, mas esse fator pode não ser constituinte de uma disfluência.

Há outros acometimentos que podem exercer influência nos parâmetros da fluência da fala, tornando a disfluência um problema secundário. Silva e Wertzener (2009) fizeram um estudo sobre os transtornos fonológicos em crianças e a relação destes com possíveis alterações na velocidade de fala. Essa pesquisa mostrou que a velocidade de fala é menor em crianças com transtorno fonológico, quando comparadas com crianças sem esses transtornos. Enquanto Meurer et al. (2004) constataram que na pós-menopausa ocorrem modificações em alguns parâmetros, havendo assim a

lentificação no ritmo e na velocidade da fala.

Barreto e Ortiz (2008) buscaram em sua pesquisa a relação do quanto a inteligibilidade de fala é influenciada pela velocidade articulatória e pela intensidade da fala. Os autores constataram que esses parâmetros não exercem influência significativa na inteligibilidade da fala.

A situação de coleta da fala também é muito importante. Pinto, Schiefer e Ávila (2013) realizaram um estudo sobre as disfluências e a velocidade de fala em duas situações, fala espontânea e leitura oral, com um grupo de sujeitos gagos e outro composto por sujeitos sem gagueira. O resultado obtido foi um número maior de interjeições, hesitações, repetições de frases, repetições de palavras, repetições de sons, bloqueios e prolongamentos na fala espontânea, quando comparada com a leitura oral em sujeitos gagos. O trabalho também mostrou maior ocorrência de interjeições, hesitações e prolongamentos na fala espontânea, quando comparada com a leitura oral em sujeitos sem gagueira. Ou seja, as disfluências diminuem em situações de leitura para sujeitos gagos e não gagos. A velocidade de fala apresentou valores superiores na fala de sujeitos não gagos, esse resultado pode ser atribuído à quantidade de disfluências na fala de sujeitos com gagueira, ou seja, à elevada quantidade de disfluência leva a uma consequente redução da velocidade da fala.

De acordo com Bitar (2000 apud MERLO, 2006), quando o sujeito realiza um discurso com base em uma imagem que lhe é mostrada, o seu discurso é reflexo da imagem apresentada e o que aquela imagem significa para ele, de acordo com suas experiências anteriores e conhecimentos. Merlo (2006) relata a não existência de estudos que façam um comparativo entre a fluência de fala obtida através de uma imagem e a fluência de fala sem o apoio visual.

Segundo Feyereisen, Pillon e Partz (1991 apud MERLO, 2006), existem diferenças entre o monólogo e o discurso obtido através de um diálogo. No monólogo o sujeito tem o tempo todo livre para si, não precisa dividir com o seu interlocutor, enquanto no diálogo, os dois sujeitos precisam revezar entre o tempo de fala e o tempo de escuta.

Nesse subcapítulo foi possível observar que existem poucos estudos referentes ao perfil da fluência da fala, como já mencionado na subcapítulo 2.2, muitos estudos

voltam-se mais para a patologia. Quando a intenção é comparar o quanto uma variável influencia na fluência da fala, a literatura se torna ainda mais escassa.

Os achados deste subcapítulo mostram alguns fatores que exercem influência sobre a fluência da fala, como a existência de algumas alterações, por exemplo, alterações neurológicas decorrentes de acidente vascular encefálico, traumatismo crânio-encefálico, dentre outras. Em sujeitos sem estas alterações, em suma, percebe-se que o fator mais relevante é a idade, visto que, crianças e idosos apresentam características que se diferenciam de adultos. Enquanto o gênero dos falantes parece não influenciar a fluência da fala, assim como, o nível de escolaridade dos sujeitos, que teve um resultado pouco significativo.

A forma como o discurso é realizado influencia, visto que, a fala espontânea tem um resultado mais fidedigno a fala real do sujeito, quando comparada a leitura. As questões inerentes a cada sujeito, como o modo de ser e a personalidade também são fatores que podem refletir na fluência da fala, pois pessoas mais ansiosas tendem a ter um modo de vida mais acelerado e muitas vezes a fala acompanha essa característica.

No subcapítulo seguinte o assunto se volta à variação linguística e a fala característica do nativo de Florianópolis, através de estudos sobre os temas.

2.5 VARIAÇÃO LINGUÍSTICA E A FALA DO FLORIANOPOLITANO

De acordo com Leite e Callou (2010), a sociedade se comunica por meio da linguagem, estando nela impressa as características individuais de cada cidadão, assim como as características da região em que ele mora, sendo assim, a linguagem reflete o ambiente no qual se está inserido e a si próprio.

Através da fala é possível identificar a nacionalidade do falante, sendo ele brasileiro é possível identificar a que região pertence, se é nordestino, carioca, sulista, dentre outras. Ainda há pistas na linguagem que nos permitem diferenciar o sexo do falante, idade, escolaridade, dentre outros fatores. Percebe-se que a linguagem reflete a identidade do sujeito.

Conforme Brescancini (2002), em qualquer língua observa-se especificidades devido a variedade de escolhas, palavras, estruturas, dentre outras questões, que

quando utilizadas caracterizam aquele falar. Apesar de haver um predomínio a uma determinada característica no falar local, as escolhas não são sempre as mesmas, ou seja, a fala pode variar. Percebe-se que é comum sujeitos de outras localidades conseguirem identificar através da fala a região do falante.

As características presentes na fala de nativos das diferentes regiões brasileiras passou a ser delineada com o início da sociolinguística. Sendo que as escolhas não ocorrem apenas por opção do falante, elas obedecem a um padrão sistemático, chamado de regras variáveis, expressando a covariação do ambiente linguístico e contexto social.

De acordo com Nunes (2011), denomina-se como sulista a variante do português na região sul do Brasil. Porém, os dialetos do estado de Santa Catarina, Paraná e Rio Grande do Sul não são iguais, cada um tem suas próprias características. E dentro de cada estado há variedades que marcam o falar das microrregiões. No estado de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, o falar do “manezinho da ilha”, é conhecido como manezês.

Lacerda (2013) percebeu em seu estudo que, para sujeitos residentes fora da cidade de Florianópolis não existem diferenças entre a fala dos nativos da ilha ao comparar com a fala de sujeitos residentes no continente. Mas os sujeitos que moram em Florianópolis por um tempo prolongado percebem diferenças, segredando os manezinhos em diferentes grupos, de acordo com as questões culturais e linguísticas.

Na primeira separação é formado dois grupos, o primeiro é composto por sujeitos que vivem no meio urbano e o outro grupo é formado por sujeitos que vivem no meio rural. Separa-se ainda em mais dois grupos, um composto por sujeitos que nasceram e residem no continente da ilha e o outro grupo formado pelos indivíduos que nasceram e residem na ilha.

Há características próprias presentes no manezês como trocas de [s] por [ʃ], ressalta-se que o /s/ na coda da sílaba transforma-se em /ʃ/ e /z/ e um léxico marcado por “olhó, olhó”, “tu visse”, dentre outras. Rosa (2009) classifica a fala do nativo da ilha como sendo “cantada” e com “ligeireza na pronúncia”, o que pode dificultar a compreensão.

Loregian (1996) realizou um estudo sobre o pronome “tu” na fala da região sul do

Brasil, fazendo diferentes comparações. Nesse estudo teve um grupo composto pela população da cidade de Florianópolis, outro grupo formado por moradores dessa cidade que residem no bairro Ribeirão da Ilha e um terceiro grupo com sujeitos da cidade de Porto Alegre. Neste estudo foi constatado um grande predomínio do pronome “tu” principalmente no Ribeirão da Ilha. O autor atribui esse dado ao fato da cultura açoriana ser bem marcante, além do pouco contato com pessoas de outras regiões. A população de Florianópolis também apresentou grande ocorrência do pronome “tu”, enquanto a população estudada em Porto Alegre teve praticamente inexistente a utilização deste pronome.

Rocha (2010) após 14 anos do estudo de Loregian (1996), constatou que a flexão verbal canônica da segunda pessoa, marcada como identidade do nativo da região por Loregian, não se mantém na maioria dos verbos. Futuramente essa marca de flexão pode ocorrer apenas nos verbos estar, saber, querer, ir e ter. Aparecendo na pronúncia do manezinho da ilha, como: tais, sabes, vais e tens.

Severo (2004) relata o grande crescimento populacional na cidade de Florianópolis, ressaltando que as modificações presentes na fala do nativo da ilha não podem ser de total responsabilidade dos turistas ou novos moradores da região. Estes são elementos constitutivos no processo de transformação da fala e da nova identidade do manezinho da ilha.

Todos devem estar cientes que a realidade é mutável, não podendo assim, cristalizar as características do falar de uma localidade, e nem ter a ideia de que é possível impedir que pessoas de diferentes regiões se misturem.

Conforme Salomão (2011), estudos na área da sociolinguística são cada vez mais frequentes, disseminando o conhecimento sobre diferentes realidades, desconstruindo a ideia de que há homogeneidade linguística.

Na região sul do Brasil, por exemplo, há o projeto Variação Linguística na Região Sul do Brasil (VARSUL). Segundo Collischonn e Monaretto (2012) o projeto VARSUL reúne dados de fala dos três estados da região sul do Brasil, sendo eles: Santa Catarina, Rio Grande do Sul e Paraná. Há realização de muitos trabalhos, sobre diferentes questões, dentre elas, variação e mudança linguística nos campos da fonologia, morfologia, sintaxe, contemplando também as questões lexicais e pragmáticas.

Segundo Wiedemer (2008), dentro da sociolinguística ao trabalhar utilizando o conceito comunidade de fala, deve-se definir as peculiaridades compartilhadas por quem pertence a uma determinada região.

Segundo o IBGE, o Brasil é um dos países com maior extensão territorial, sendo a quinta maior nação do mundo, perdendo apenas para a Rússia, Canadá, China e Estados Unidos. O país tem 27 unidades federativas, 5.570 municípios, com um total de 190 milhões de habitantes no ano de 2010. Tendo a língua portuguesa comum a todos os falantes brasileiros, mas há diversidades nesta fala de acordo com a região, que não podem ser omitidas.

De acordo com Ribeiro e Lacerda (2013), o Brasil vive uma fase de desenvolvimento, por muito tempo foi um país rural, porém com o passar do tempo está começando a ser cada vez mais conhecido como um país urbano. As modificações que ocorreram refletiram em todo cenário nacional, inclusive na questão linguística.

Bagno (2004) ressalta a presença da heterogeneidade na língua e a importância da mesma para a construção da identidade de cada sujeito e de cada localidade. Há variações de acordo com quem fala, apresentando diferenças entre homens e mulheres, pessoas do campo e da cidade.

Ressalta-se a ideia de que não há superioridade linguística, devendo-se abandonar o preconceito linguístico entre as diferentes regiões do Brasil. Não há um falar melhor do que o outro, são apenas diferentes, construindo assim as diversas variedades linguísticas. Pode-se dizer que se há 190 milhões de pessoas no Brasil, tem-se 190 milhões de línguas.

Conforme Nunes (2010) há parâmetros que fazem parte da fala característica de uma determinada comunidade, como: velocidade de fala, posição da vogal, dentre outros. Porém, essas variantes quando individualizadas não são suficientes para identificar o falar de uma região.

Desta forma, os parâmetros da fala não são iguais em todos os falantes de todas as regiões. São poucos os estudos que abordam o tema fluência da fala e que trazem valores médios de normalidade para sujeitos adultos, nos parâmetros analisados (tipologias de rupturas, velocidade de fala e frequências de rupturas). Na grande maioria os estudos não levam em consideração as variações regionais, geralmente a amostra é

obtida através de uma população residente em apenas uma cidade, sendo generalizada como padrão nacional.

Martins (2007) traz em seu estudo valores dos parâmetros da fluência da fala obtidos em sujeitos sem queixas de alterações na fluência. A pesquisa foi composta por sujeitos de ambos os gêneros, do município de São Paulo e Grande São Paulo, formando diferentes grupos, cada grupo contendo no mínimo vinte participantes. O grupo de pré-escolares (2 anos a 6 anos e 11 meses), escolares (7 anos a 11 anos e 11 meses), adolescência inicial (12 anos a 14 anos e 11 meses), adolescência final (15 anos a 17 anos e 11 meses), o grupo de 18-27 anos (18 anos a 27 anos e 11 meses), o grupo de 28-37 anos (28 anos a 37 anos e 11 meses), o grupo de 38-47 anos (38 anos a 47 anos e 11 meses), o grupo de 48-59 anos (48 anos a 59 anos e 11 meses), o grupo de 60-69 anos (60 anos a 69 anos e 11 meses), o grupo de 70-79 anos (70 anos a 79 anos e 11 meses), o grupo de 80-89 anos (80 anos a 89 anos e 11 meses) e o último grupo de 90-99 (90 anos a 99 anos e 11 meses).

Ao analisar os valores de adultos (formado pelo grupo de sujeitos a partir de 18 anos até o grupo com sujeitos de 59 anos e 11 meses) quanto as disfluência comuns, sujeitos com 18 a 27:11 anos apresentaram 14,71, enquanto sujeitos com 28 a 37:11 tiveram 15,26 disfluências comuns. Em indivíduos com 38 a 47:11 anos e 48 a 59:11 anos os valores foram os mesmos, um resultado de 14,32 disfluências comuns.

As disfluências gagas tiveram pouca variação entre os grupos, os sujeitos de 18 a 27 anos obtiveram 3,29, enquanto sujeitos de 28 a 37 anos alcançaram 2,47, o grupo de 38 a 47 anos obteve 2,65 e o de 48 a 59 anos, 2,44.

A porcentagem de descontinuidade de fala não apresentou valores com grande diferença entre os grupos de adultos. Os sujeitos de 18 a 27 anos tiveram o total de 9, enquanto os sujeitos de 28 a 37 obtiveram 8,87, aqueles com 38 a 47 anos alcançaram o valor de 8,49 e o grupo de 48 a 59 anos obteve 8,32.

Quanto à velocidade de fala em adultos, ao analisar o valor de palavras por minuto nos diferentes grupos, obteve-se 103,25 em sujeitos com 18 a 27 anos, 113,21 no grupo de 28 a 37 anos. O maior valor atingido foi no grupo de sujeitos de 38 a 47 anos, esses chegaram ao valor de 119,05, e o menor valor alcançado foi no grupo de indivíduos com 48 a 59 anos, esses obtiveram 95,03 palavras por minuto.

Na análise da velocidade de fala no parâmetro sílabas por minuto, o valor alcançado foi de 192,67 em sujeitos de 18 a 27 anos e 215,09 para aqueles com 28 a 37 anos. O valor máximo encontrado foi no grupo de indivíduos com 38 a 47 anos, esses obtiveram 224,24, e o menor valor encontrado foi obtido por sujeitos com 48 a 59 anos, atingindo 179,78 sílabas por minuto. Para realização dessa análise foi utilizado uma amostra de fala auto-expressiva, para sujeitos com 2 anos a 3 anos e 11 meses a amostra de fala foi obtida a partir de interação das crianças com os pais e para os sujeitos com idade superior a 3 anos e 11 meses foi utilizada uma figura, onde a mesma era apresentada aos sujeitos e esses eram instruídos com o seguinte comando: "Por favor, olhe essa figura e me fale tudo que quiser sobre ela". Os Dados anteriormente mencionados, quanto às disfluências comuns e disfluências gagas, velocidade de fala e porcentagem de descontinuidade de fala serão utilizados para a análise e a discussão do presente trabalho.

Pinto, Schiefer e Ávila (2013) trazem em seu estudo valores para velocidade de fala em sujeitos adultos. Obteve como resultado a média de 132,0 palavras por minuto e 236,5 sílabas por minuto. As autoras não especificam a idade dos sujeitos, apenas dizem que são adultos, assim como, não relatam a cidade na qual residem.

Nunes (2011) fez um estudo comparativo entre o falar florianopolitano e o lageano, e, segundo a autora o florianopolitano realiza mais apagamentos na sua fala, quando comparado ao lageano, sendo esse um fator que influencia na duração das sentenças e, por consequência, reflete na velocidade da fala.

Meireles, Tozetti e Borges (2010) também trazem a análise da velocidade de fala em sua pesquisa. Constatou-se que a velocidade de fala não é uniforme, variando conforme a regionalidade. Houve diferença ao comparar a velocidade de fala na região nordeste (no falar do baiano) com o da região sudoeste (na fala do mineiro), tendo menor velocidade na região nordeste. Sendo assim, a velocidade de fala considerada normal em Minas Gerais pode ser tida como elevada para o falar de sujeitos residentes na Bahia.

De acordo com Meireles e Barbosa (2009), a taxa de elocução para cada dialeto não é unificada, observa-se que existe uma questão particular de cada sujeito que é de extrema relevância. Porém, ao realizar comparação entre a fala de moradores de Minas

Gerais com aqueles que moram em São Paulo constatou-se que há diferença, o mineiro fala 17% mais rápido.

Portanto, esse subcapítulo mostrou que não é possível realizar um estudo com a população de apenas uma cidade e generalizar os achados como sendo o padrão dos falantes brasileiros. É imprescindível a realização de estudos que busquem conhecer as peculiaridades da fluência da fala de cada região, visto que, a fala sofre influência cultural, social, regional, dentre outras.

Os cinco subcapítulos anteriormente mencionados trouxeram conhecimentos importantes, abordando os conceitos de fluência, disfluência, gagueira, taquifemia e taquilalia, assim como a quebra da ideia de um falante ideal.

A diferenciação de disfluência e gagueira devem ser sempre realizadas, visto que há manifestações mais características da fala gaga, assim como um maior número de manifestações na fala gaga ao comparar com a fala disfluente. Ressalta-se que além da gagueira existe a taquifemia e a taquilalia, sendo de fundamental importância conhecê-las, não realizando generalização dos achados.

Taquifemia e taquilalia possuem como característica a velocidade de fala elevada, como já mencionado no presente subcapítulo, porém a taquilalia resume-se a isso, enquanto a taquifemia traz outras manifestações, como: dificuldades na organização dos pensamentos, voz monótona, prolongamento de vogais, dentre outras características.

A análise da fluência da fala, levando em considerações as variáveis também é de grande relevância. Faz-se necessário verificar uma possível influência de fatores como: idade dos sujeitos, nível de escolaridade, gênero, situação em que a amostra de fala é coletada, dentre outras questões.

Compreender o perfil da fluência da fala, é o primeiro passo, visto que, para saber o que é patológico, necessita-se anteriormente de muito estudo sobre a normalidade. Ressalta-se que não há um perfil único de fluência da fala em um bairro, em uma cidade e muito menos em um país, pois existem as variações linguísticas que não podem ser ignoradas.

Desta forma, esse marco teórico trouxe informações que serão de grande importância para compreensão deste estudo e que serão resgatadas no decorrer deste

trabalho.

No próximo capítulo será apresentada a metodologia utilizada para este estudo, visando alcançar os objetivos estipulados.

3. METODOLOGIA

Esta pesquisa foi realizada no Estado de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, com moradores das colônias de pescadores existentes no sul da ilha, residentes nas proximidades das praias dos bairros: Tapera, Pântano do Sul e Ribeirão da Ilha. Esses são bairros que apresentam maior preservação da cultura local, com distanciamento geográfico do centro da cidade, e maior concentração de nativos da região, havendo assim uma menor urbanização também. Foram realizadas visitas nos bairros estudados, Tapera, Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul. No período de maio a agosto do ano de 2014.

O tipo do estudo é quantitativo transversal observacional descritivo, foi utilizada uma amostra de conveniência. Envolveu indivíduos que nasceram e moram na cidade de Florianópolis, com idade entre 18 anos e 59 anos e 11 meses. Essa faixa etária foi definida com base nos achados de Martins (2007), que constatou que se os resultados das disfluências comuns e a porcentagem de descontinuidade da fala indicaram instabilidade durante a infância, essa descontinuidade permanece até o final da adolescência. Na fase adulta há uma estabilização e com o envelhecimento ocorre uma diminuição desses parâmetros, próximo aos 80 anos ainda há um aumento das disfluências comuns e da porcentagem de descontinuidade de fala, a significância desses achados não foi tão considerável, porém, quanto ao parâmetro de velocidade de fala, houve grandes mudanças de acordo com a idade dos sujeitos. Durante a infância a velocidade é mais lenta, quando comparada à adolescência e a fase adulta, havendo uma aproximação da velocidade de fala entre crianças e idosos (MARTINS, 2007). Dessa forma, optou-se por um estudo apenas com sujeitos adultos.

O estudo foi composto por indivíduos do sexo feminino e do sexo masculino, visando realizar comparações entre os mesmos, a fim de confirmar ou não os achados de Martins, (2007). No presente estudo, foi utilizada a variável sexo para verificar se há alguma diferença quanto aos parâmetros da fluência da fala.

A escolaridade não foi um parâmetro analisado neste estudo, pois através dos dados do IBGE (2000), foi possível perceber que os valores da média do número de anos de estudo das pessoas responsáveis por domicílios particulares permanentes nos

bairros Pântano do Sul eram de 7,23, no Ribeirão da Ilha foi de 6,87 e na Tapera 6,73. . Desta forma, por não haver grande discrepância nos anos de estudo entre os moradores dos bairros, a escolaridade não foi utilizada como critério.

Também foram levados em conta nesta pesquisa aqueles sujeitos com ausência de queixa pessoal, familiar ou escolar de alterações na fala, voz, linguagem e audição, visto que, essas alterações podem interferir na fluência da fala. Este estudo excluiu da participação indivíduos com queixa de problemas cognitivos e alterações motoras, e pessoas que residiram fora da cidade de Florianópolis por mais de um ano. Todos os participantes deste estudo foram voluntários.

Os instrumentos utilizados para a realização da pesquisa foram um gravador de voz da marca Panasonic, um notebook da marca Positivo, o programa Microsoft Office Word 2007, o programa Microsoft Excel 2007 e uma calculadora de mesa Staples.

Para a coleta dos dados foi utilizado o Protocolo do Perfil da Fluência da Fala de Andrade (2000) adaptado, o mesmo relata que a produção dos sujeitos deve ser obtida através de um estímulo visual, sendo interrompido apenas quando há necessidade de incentivar a produção da fala para obtenção de 200 sílabas expressas, ou seja, 200 sílabas não disfluentes. Nele consta que a amostra de fala deve ser transcrita em sua totalidade, com sílabas fluentes e disfluentes, seguindo critérios de marcação e as classificações quanto às tipologias das rupturas, velocidade de fala e frequência de rupturas (anexo A), nele ainda consta a possibilidade de classificar as tipologias colocando as mesmas em tabelas (anexo B). Os cálculos pertencentes ao protocolo para identificação das tipologias de rupturas, velocidade de fala e frequência de rupturas também foram utilizados (anexo C).

Portanto o Protocolo do Perfil da Fluência da Fala de Andrade (2000) utiliza uma figura para obter a amostra de fala dos sujeitos, porém esse método não foi utilizado na presente pesquisa. A adaptação do Protocolo do Perfil da Fluência da fala de Andrade (2000) foi realizada em função do público alvo do estudo, desta forma, manteve-se a coleta de amostra de fala auto expressiva, contendo 200 sílabas expressas, ou seja, sílabas não disfluentes, porém não foi utilizada a figura preconizada pelo protocolo para obtenção da amostra de fala, optou-se pela utilização de um tema mais próximo aos sujeitos, fazendo parte do contexto dos mesmos, para que a amostra obtida seja a mais

próxima da amostra real de fala, desta forma foi utilizado como tema o bairro em que estava sendo coletada a amostra de fala, assim como tema família e as histórias de vida dos sujeitos.

Desta forma, os entrevistados foram questionados sobre o bairro em que residiam e sobre suas histórias de vida naquele local, diferente do protocolo, que utiliza figuras. O tema pescaria, história do bairro e história de vida foi utilizado para eliciar discurso nos falantes do sexo masculino. Para esses sujeitos foram passadas as seguintes ordens: "Por favor, me falar um pouco sobre a pescaria na região", essa ordem foi utilizada apenas para sujeitos que tinham alguma relação com a pescaria. As demais ordens: "Por favor, me fale um pouco sobre o bairro" e "Me fale alguma história que foi marcante na sua vida, algum fato interessante" foram utilizadas para todos os sujeitos do sexo masculino. Em alguns casos apenas uma ordem foi dada, em outros, devido à limitação no número de sílabas produzidas pelos sujeitos, que poderiam não alcançar as 200 sílabas expressas necessárias para análise, houve a necessidade de passar mais de uma ordem. Para as mulheres foram abordados os temas história de vida e família. Para esses sujeitos foram passadas as seguintes ordens: "Por favor, me fale um pouco da sua história de vida" e "Por favor, me fale um pouco sobre a sua família". Em alguns casos foi necessário que os sujeitos seguissem apenas uma ordem, em outros houve a necessidade de passar as duas ordens devido a necessidade de obter uma amostra de fala contendo 200 sílabas expressas. O discurso dos sujeitos de ambos os sexos só foi interrompido com perguntas e/ou comentários, e em momentos onde ocorreu necessidade de incentivar a produção de fala.

A amostra de fala foi gravada em áudio e posteriormente transcrita ortograficamente em sua totalidade para análise. A separação das sílabas foi realizada manualmente. Os dados foram inicialmente organizados em tabelas e posteriormente em gráficos. Sendo classificados e analisados através do Protocolo de Avaliação da Fluência da Fala realizado por Andrade (2000), os achados do estudo foram classificados quanto às tipologias de rupturas: disfluências comuns (hesitações, interjeições, revisões, palavras não terminadas e repetições de palavras, repetições de segmentos e repetições de frases) e disfluências gegas (repetições de sons e/ou sílabas prolongamentos, bloqueios, pausas e intrusões), numa amostra de 200 sílabas expressas. Esses foram

marcados numa tabela (anexo B) de acordo com o tipo de disfluência. Foram considerados os números de disfluências de tipologias comuns e de tipologias gags em separado.

As fórmulas para calcular as tipologias de rupturas, velocidade de fala e frequências de rupturas (anexo C) também foram realizadas de acordo com o protocolo de Andrade (2000).

De acordo com o protocolo utilizado obteve-se uma amostra de 200 sílabas expressas, sendo analisada a velocidade de fala. Essa análise ocorreu a partir de dois parâmetros, palavras por minuto e sílabas por minuto.

As palavras por minuto foram contabilizadas através do valor obtido do total de palavras por minuto, dividido pelo tempo total da amostra, em minutos.

Essa operação matemática de divisão entre as palavras realizadas e o tempo gera um valor final de palavras por minuto produzidas pelo sujeito em seu discurso, sendo registrado o resultado final em uma tabela. Para melhor compreensão, segue a ilustração 1, com a operação matemática realizada:

Ilustração 1- Cálculo da velocidade de fala em palavras por minuto.

$$\text{PALAVRAS POR MINUTO: } \frac{\text{número de palavras}}{\text{tempo (minutos)}} = N$$

Fonte: elaborado pela autora.

O outro parâmetro para análise da velocidade de fala são as sílabas por minuto, estas foram contabilizadas, através do cálculo do número total de sílabas produzidas, dividido pelo tempo total da amostra, em minutos. Sendo posteriormente anotado o valor final em uma tabela. Para facilitar a compreensão, segue a ilustração 2, com a operação matemática realizada:

Ilustração 2- Cálculo da velocidade de fala em sílabas por minuto.

$$\text{SÍLABAS POR MINUTO: } \frac{\text{número de sílabas}}{\text{tempo (minutos)}} = N$$

Fonte: elaborado pela autora.

A análise das frequências de rupturas ocorre a partir de dois parâmetros, porcentagem de descontinuidade de fala e porcentagem de disfluências gagas.

A análise das disfluências gagas foi realizada a partir da contagem do número de rupturas totais realizadas, ou seja, a contagem de rupturas, tanto comuns como gagas. Após a contabilização do total de rupturas presentes no discurso do sujeito este valor é dividido pelo número de sílabas produzidas, sendo o resultado desta operação multiplicado por 100, este valor final é o resultado da porcentagem de disfluências gagas produzidas pelos sujeitos. O valor obtido foi registrado posteriormente. Para melhor compreensão, segue a ilustração da operação matemática realizada:

Ilustração 3 - Porcentagem de descontinuidade de fala.

PORCENTAGEM DE DESCONTINUIDADE DE FALA:

$$\frac{\text{número de rupturas totais}}{\text{número de sílabas}} = N \times 100\%$$

Fonte: elaborado pela autora.

A porcentagem de disfluências gagas foi realizada de acordo com Andrade et al. (2011), esse parâmetro mede a taxa de rupturas gagas, sendo realizada através do cálculo entre o número de rupturas gagas realizadas pelo sujeito, dividido pelo número de sílabas, este resultado foi multiplicado por 100. Para melhor visualização, segue a fórmula realizada:

Ilustração 4- Porcentagem de disfluências gagas.

PORCENTAGEM DE DISFLUÊNCIAS GAGAS:

$$\frac{\text{número de rupturas gagas}}{\text{número de sílabas}} = N \times 100\%$$

Fonte: elaborado pela autora.

A comparação dos dados obtidos através da presente pesquisa foi realizada com o estudo de Variação da Fluência em falantes do português brasileiro: quatro estudos

(MARTINS, 2007), que traz padrões de normalidade. Este estudo foi realizado com sujeitos de diferentes idades, porém a comparação será feita apenas com os sujeitos que tenham idade entre 18 anos e 59 anos e 11 meses. Os participantes eram residentes do município de São Paulo e Grande São Paulo, porém o estudo não informa se estes eram naturais da região, mas pode-se inferir que a mostra foi em grande parte formada por sujeitos paulistas.

Este Trabalho de Conclusão de Curso faz parte de um projeto maior: O detalhe fonético II: análise acústica exploratória de segmentos de fala, registrado no Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da UFSC, sob o número 2057. Todos os sujeitos convidados para fazerem parte deste estudo foram orientados acerca da sua liberdade para participar da pesquisa. Houve o consentimento dos sujeitos para utilização das amostras de fala na pesquisa e eles assinaram um termo de consentimento livre e esclarecido (apêndice A) que esclarece todos os procedimentos realizados.

No próximo capítulo será realizada a análise e a discussão dos dados obtidos, que foram alcançados com base na metodologia anteriormente exposta. Objetivando investigar as características relativas à fluência da fala do florianopolitano.

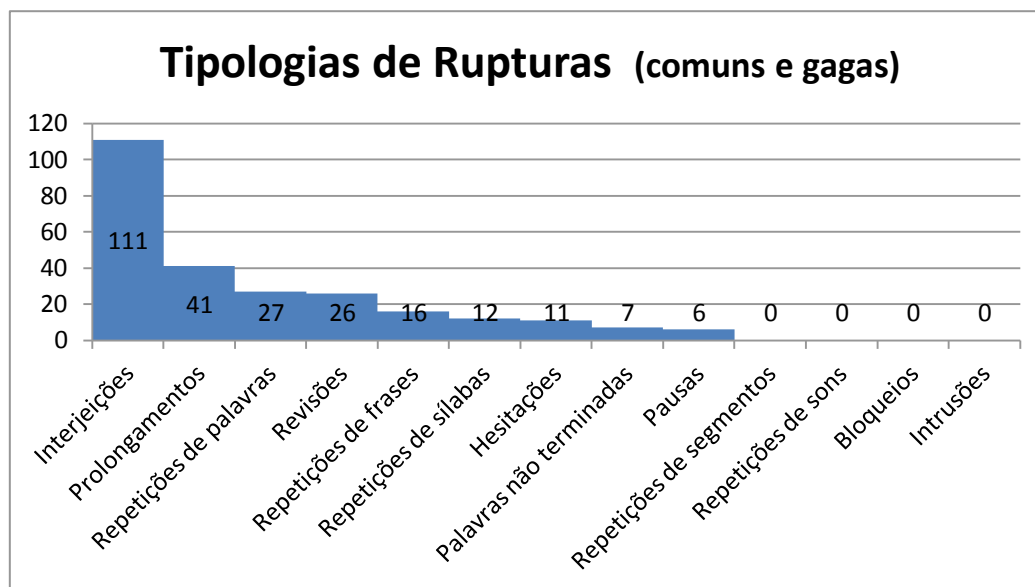
4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

Foram realizadas quatro visitas nos bairros Tapera, Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul, abordando sujeitos que residem próximo à praia. Dessa forma, participaram desta pesquisa 25 sujeitos, com distribuição variável entre os bairros, a saber: 8 do bairro Tapera, 7 do Ribeirão da Ilha e 10 do bairro Pântano do Sul. Destes 25 sujeitos entrevistados, 13 realizavam atividades ligadas à pescaria (profissionalmente ou ocasionalmente) e 12 não realizavam atividades ligadas à pesca, porém destes 12 entrevistados, alguns relataram serem netos de pescador e/ou serem casados com pescador. Participaram do estudo 10 sujeitos do sexo feminino e 15 sujeitos do sexo masculino.

A primeira análise realizada com o material coletado dos sujeitos participantes do estudo foi referente às tipologias de rupturas, utilizando as classificações de Andrade (2000). Foi contabilizada a ocorrência das disfluências mais comuns (hesitações, interjeições, revisões, palavras não terminadas, repetições de palavras e repetições de frases) e das disfluências gagas (repetições de sílabas, repetições de sons, prolongamentos, bloqueios, pausas e intrusões).

Os números são apresentados em ordem decrescente, tendo como objetivo mostrar as tipologias de rupturas que ocorreram com maior frequência, independente de estarem em determinada categoria (comum ou gaga), não havendo separação dessas no histograma.

Histograma 1— Ordem de ocorrência das tipologias de rupturas comuns e gags



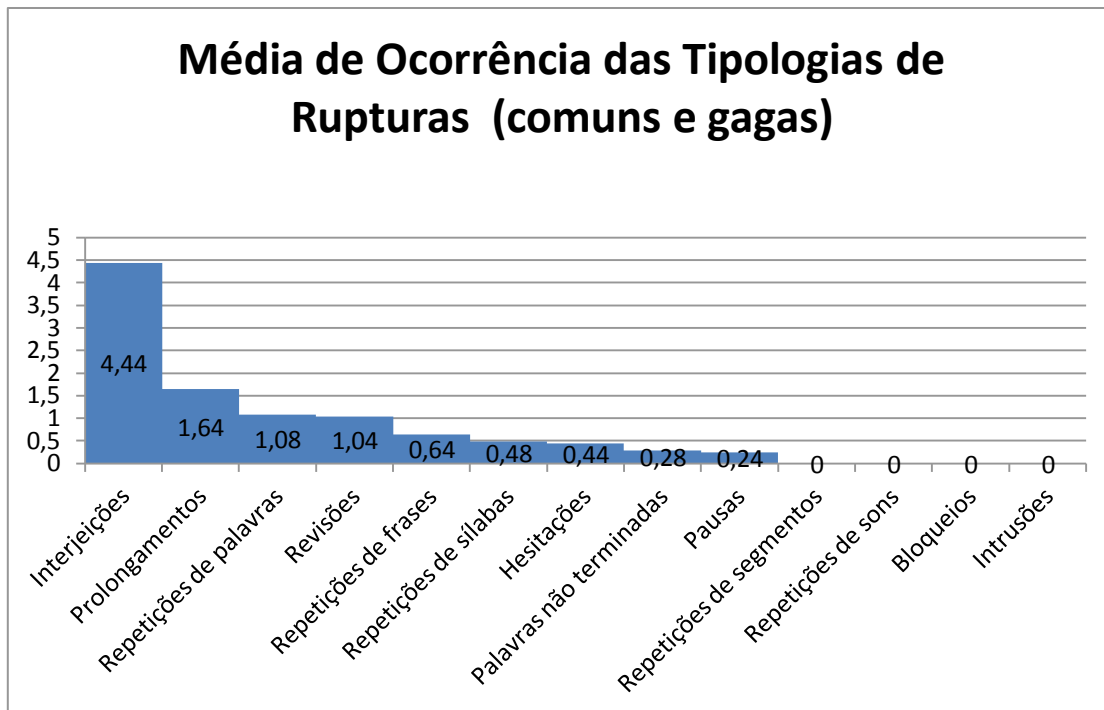
Fonte: Elaborado pela autora

Após levantamento desses dados, observou-se que a disfluência de maior ocorrência foram às interjeições, essas fazem parte das tipologias de disfluências comuns, logo após, os prolongamentos aparecem com maior frequência, porém esses fazem parte das tipologias de disfluências gags. Em seguida, ocorrem as repetições de palavras e revisões. As outras manifestações, repetições de frases, repetições de sílabas, hesitações, palavras não terminadas e pausas ocorreram com menor frequência.

Não houve repetições de segmentos, repetições de sons, bloqueios e intrusões de sons e segmentos na amostra de fala coletada nos sujeitos estudados.

Além da ordem de ocorrência e o número de manifestações encontradas, a média obtida em cada uma das tipologias de rupturas é necessária.

Histograma 2— Média de ocorrência das tipologias de rupturas comuns e gags



Fonte: Elaborado pela autora.

Pinto, Schiefer e Ávila (2013) realizaram um estudo com um grupo de pessoas sem queixas de comunicação e um grupo de sujeitos com gagueira, com idade entre 17 a 48 anos, sendo possível comparar alguns dos resultados obtidos com aqueles achados no presente estudo, apesar da diferença de idades entre os sujeitos. As autoras constataram através da avaliação de fala espontânea em sujeitos que se consideravam fluentes, as interjeições como sendo a tipologia de ruptura de maior ocorrência. Enquanto no grupo de sujeitos gagos, o bloqueio foi o mais frequente. No estudo de Oliveira et al. (2010a), com um grupo de sujeitos taquifêmicos, as interjeições foram as tipologias de rupturas que apresentaram número mais elevado de manifestações.

Portanto esses dois estudos com sujeitos fluentes e taquifêmicos, mostraram o mesmo resultado obtido na presente pesquisa, onde as interjeições lideram apresentando maiores valores quando comparado com as demais tipologias de rupturas. Os sujeitos fluentes e taquifêmicos se diferenciam do grupo de sujeitos gagos que apresentaram os bloqueios como a manifestação de maior frequência.

Apesar das interjeições terem aparecido em primeiro lugar, ocorreu uma diferença de valores, visto que, os sujeitos sem queixas de comunicação do estudo de

Pinto, Schiefer e Ávila (2013), apresentaram a média de 3,4, enquanto os sujeitos com taquifemia do estudo de Oliveira et al. (2010a), alcançaram a média de 10,79 e os florianopolitanos do presente estudo obtiveram a média de 4,4. Sendo assim, a frequência de ocorrência das tipologias de rupturas pode ser tida como um dos principais quesitos para se diferenciar sujeitos fluentes de sujeitos taquifêmicos, pois apesar de terem a mesma manifestação, ocupando o primeiro lugar de ocorrência, os valores são muito superiores em sujeitos com taquifemia.

Ao analisar as tipologias de rupturas que ficaram em segundo lugar, o estudo de Oliveira et al. (2010a), mostra que em sujeitos taquifêmicos esta posição foi ocupada pelas hesitações. No estudo de Pinto, Schiefer e Ávila (2013), o grupo de sujeitos sem queixas de comunicação teve também esta posição ocupada pelas hesitações. Enquanto no grupo de sujeitos gagos as autoras constataram que a posição foi ocupada pelas interjeições e prolongamentos, resultado esse que se aproxima aos achados obtidos na presente pesquisa, visto que, os florianopolitanos também obtiveram em segundo lugar de maior ocorrência, os prolongamentos.

Apesar dos florianopolitanos e o grupo de sujeitos gagos terem obtido os prolongamentos em segundo lugar, os valores foram bem diferenciados. Os sujeitos gagos alcançaram a média de 5,7, enquanto os florianopolitanos atingiram a média de 1,64 prolongamentos.

Pinto, Schiefer e Ávila (2013), ao analisar sujeitos sem queixas de comunicação, constataram que os prolongamentos, apesar de não ocuparem a segunda posição na ordem de ocorrência, alcançaram a média de 1,7. Esse resultado é o que mais se aproxima da média atingida pelos florianopolitanos.

Através do histograma 2, ainda é possível observar que não ocorreram repetições de segmentos, repetições de sons, bloqueios e intrusões de sons ou segmentos. Esses resultados foram similares aos de Pinto, Schiefer e Ávila (2013), que não constataram repetições de sons, bloqueios e intrusões de sons ou segmentos no grupo de sujeitos sem queixas de comunicação. Enquanto no grupo de sujeitos gagos, as repetições de segmentos, repetições de sons, bloqueios e intrusões ocorreram. No estudo de Oliveira et al. (2010a), também houve a presença de repetições de segmentos, repetições de sons, bloqueios e intrusões ao analisar a fala de sujeitos taquifêmicos.

Em suma, os resultados apresentados pelos histogramas 1 e 2, mostram que as interjeições apareceram em primeiro lugar de ocorrência. Estas também são citadas na literatura como ocupando o primeiro lugar no grupo de sujeitos fluentes e taquifêmicos, o que diferencia são os valores obtidos em cada grupo.

O segundo lugar de ocorrência de tipologias de ruptura foi ocupado pelos prolongamentos, esses aparecem na literatura, conforme citado anteriormente, ocupando a mesma posição no grupo de sujeitos gagos, porém em maior quantidade. Ao analisar as médias e não apenas a posição de ocorrência ocupada pela tipologia de ruptura, os prolongamentos alcançaram a média de 1,64 nos florianopolitanos e sujeitos sem queixas de comunicação tiveram a média de 1,7, sendo esses valores próximos.

Não houve constatação de bloqueio, repetições de segmentos, repetições de sons e intrusões nos participantes desta pesquisa. Esses resultados foram similares aos obtidos por sujeitos sem queixas de comunicação, porém ficaram distantes dos achados em sujeitos gagos e taquifêmicos.

Os resultados encontrados na fala do florianopolitano mostraram que as repetições não foram as tipologias de rupturas de maior ocorrência em sua fala, ocupando apenas o terceiro lugar, porém esse pode ser o parâmetro que causa mais impacto aos ouvintes.

Bohnen (2009) explica essa diferença entre as repetições e os prolongamentos, afirmando que as repetições e os bloqueios são mais facilmente percebidos pelos ouvintes, sendo de maior impacto visual e auditivo quando comparado aos prolongamentos.

Esse fato pode explicar a maneira como o manezinho da ilha é popularmente conhecido, sendo caracterizado como tendo uma fala com várias repetições de palavras, mesmo realizando mais prolongamentos do que repetições. Porém, as repetições são mais facilmente percebidas pelos ouvintes, sendo mais marcantes.

Analisar as tipologias de rupturas encontradas é de extrema relevância, porém apenas a ocorrência das mesmas não é suficiente para definir algo, sabendo-se que a frequência é o quesito fundamental. Conforme já mencionado no subcapítulo 2.2 o DSM IV (2002), onde menciona a tartamudez (gagueira) com o código 307.0, diz que para ser diagnosticado como gago o sujeito deve ter uma ou mais tipologia de rupturas já

descritas anteriormente, desta forma, a partir desse critério todos os sujeitos estudados seriam classificados como gagos.

É de suma importância compreender que sujeitos fluentes, assim como sujeitos gagos, apresentam momentos de fluência e disfluências. No subcapítulo 2.2 Meira (2009), ressalta a importância da desconstrução da ideia de um falante ideal. Sujeitos fluentes e gagos passam por momentos de fluência e disfluência, ou seja, ninguém é totalmente fluente, assim como, ninguém é totalmente gago.

A análise referente as tipologias de rupturas de maior ocorrência e as médias obtidas se faz necessário, porém é importante realizar separação entre as tipologias de rupturas gagas e fluentes, verificando a ocorrência de cada uma e fazendo uma comparação entre as mesmas.

Inicialmente a análise se volta às médias de tipologias de rupturas comuns realizadas pelos sujeitos estudados. As disfluências comuns (hesitações, interjeições, revisões, palavras não terminadas, repetições de palavras e repetições de frases) apresentaram uma média de 7,29.

De acordo com Andrade (2006), as disfluências comuns estão presentes na fala de todos os falantes, sejam eles considerados fluentes ou não. As mesmas ocorrem devido a intenção de deixar o discurso mais amplo ou apenas por ser o reflexo de imprecisões e dúvidas que aparecem no momento do discurso.

Esses achados podem ser comparados com os alcançados no estudo de Freitas (2007), que obteve a média de 12,90 disfluências comuns para sujeitos gagos, e 9,10 para sujeitos sem queixas na fala. Porém, os participantes desta pesquisa tinham idade entre 10 e 18 anos, enquanto os sujeitos aqui estudados possuem idade entre 18 anos e 59 anos e 11 meses.

De acordo com Oliveira et al. (2010a), as disfluências comuns apresentadas em sujeitos com taquifemia atingiram a média de 12,57, enquanto no grupo de sujeitos sem taquifemia a média foi de 5,64.

Ao analisar os dados obtidos com os achados da literatura, percebe-se que o valor alcançado no presente estudo, a média de 7,29, está dentro dos obtidos em sujeitos considerados fluentes. Porém não foi encontrado dentro da literatura valores de disfluências comuns em sujeitos fluentes, com gagueira, taquifemia ou taquilalia,

residentes da cidade de Florianópolis para realizar a análise entre os grupos pertencentes a uma mesma região, com as mesmas questões linguísticas e regionais, permitindo uma comparação mais fidedigna.

Ao analisar as disfluências gegas (repetições de sílabas, repetições de sons, prolongamentos, bloqueios, pausas e intrusões de sons ou segmentos) os florianopolitanos atingiram a média de ocorrência em 2,36 disfluências gegas.

Conforme Andrade (2006), as disfluências gegas podem ocorrer em todos os falantes, assim como as disfluências comuns. No discurso de uma pessoa considerada fluente, o número de disfluências gegas deve ser inferior ao número obtido por uma pessoa gaga, ou seja, as disfluências gegas ocorrem a todos, porém com menor frequência em sujeitos fluentes. Sendo assim, a quantidade de disfluências gegas presentes num discurso deve ser um dos principais quesitos a se investigar, e não apenas a ocorrência da mesma.

Freitas (2007) encontrou em seu estudo o valor de 19,80 disfluências gegas em sujeitos gogos e 0,40 disfluências gegas em sujeitos fluentes.

Oliveira et al.(2010a) em seu estudo constatou a média de 0,57 disfluências gegas em sujeitos taquifêmicos e 0,21 em sujeitos sem taquifemia.

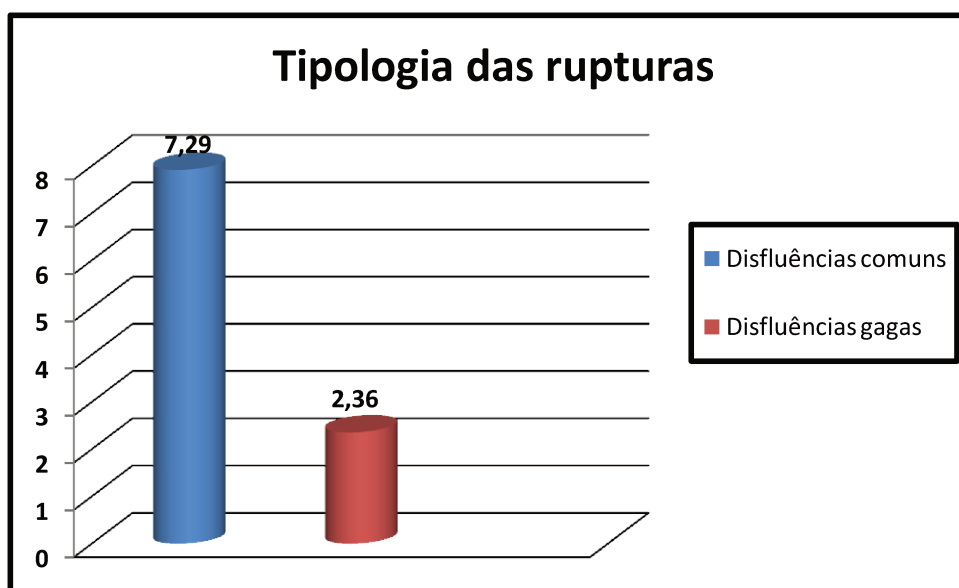
Desta forma, o valor obtido pelos florianopolitanos com a média de 2,36 disfluências gegas esta longe das obtidas por sujeitos fluentes, visto que, ao comparar com os sujeitos fluentes do estudo de Freitas (2007), a diferença é de 1,96. Enquanto a diferença com os sujeitos taquifêmicos do estudo de Oliveira et al.(2010a), se encontra em 1,79. Sendo assim, os florianopolitanos têm maior média do que sujeitos fluentes e sujeitos taquifêmicos de estudos realizados presentes na literatura. Porém alcançou menor média ao comparar com os sujeitos gogos do estudo de Freitas (2007), tendo uma diferença de 17,44 disfluências gegas.

Desta forma, os florianopolitanos com a média de 2,36 disfluências gegas apresentaram valor superior aos sujeitos considerados fluentes e taquifêmicos, porém obtiveram valor menor do que o grupo de sujeitos gogos. Sendo assim, o valor obtido não esteve próximo a nenhum dos grupos.

Não foram encontrados estudos que relatassem a média de disfluências gegas em sujeitos com taquilalia para realizar análise entre os mesmos.

A comparação entre a média de disfluências mais comuns e a média de disfluências gagas alcançada pelos florianopolitanos estudados é de fundamental importância.

Gráfico 1 — Comparação entre as disfluências comuns e as disfluências gagas



Fonte: Elaborado pela autora.

Através deste gráfico, percebe-se a maior ocorrência das disfluências comuns, obtendo a média de 7,29, quando comparada com as disfluências gagas, que obteve a média de 2,36.

A diferença de 4,93 entre as duas tipologias de rupturas era esperada, visto que, em sujeitos fluentes deve-se obter um valor superior de disfluências comuns, enquanto as disfluências gagas aparecem com menor frequência.

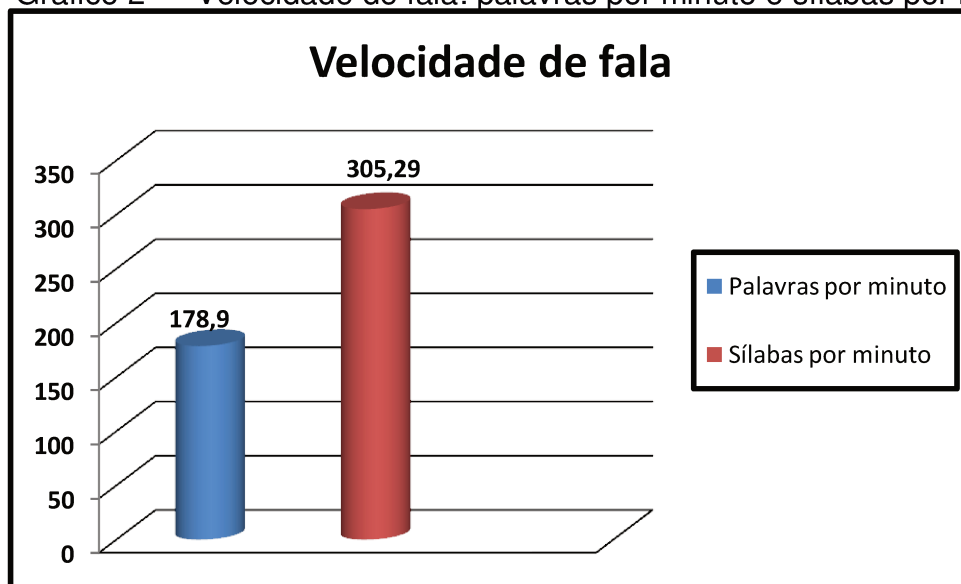
No estudo de Freitas (2007), ao comparar as disfluências gagas com as disfluências comuns em sujeitos gagos, houve maior ocorrência de disfluências gagas, com uma diferença de 6,90. Portanto sujeitos gagos realizam mais disfluências gagas do que disfluências comuns, diferentes de sujeitos fluentes que possuem mais disfluências comuns do que gagas.

Ao analisarmos o total de tipologias de rupturas, torna-se evidente a maior ocorrência de tipologias de disfluências comuns quando comparada com as disfluências gagas. Mas ao analisarmos cada tipologia de ruptura de acordo com sua ordem de

ocorrência, como apresentado no capítulo 4, através do histograma 1, os prolongamentos apareceram em segundo lugar, sendo esse uma tipologia de disfluência gaga. O que não era esperado, visto que, nenhum sujeito apresentava queixas quanto à fluência da fala. Ressalta-se que, apesar de poder haver disfluências gagas em sujeitos fluentes, quando essas ocorrem, são de baixa frequência.

Após análise das tipologias de rupturas comuns e gagas, a velocidade de fala deve ser o próximo parâmetro investigado, verificando a velocidade de fala em palavras por minuto e em sílabas por minuto.

Gráfico 2 — Velocidade de fala: palavras por minuto e sílabas por minuto



Fonte: Elaborado pela autora.

A partir dos dados demonstrados através desse gráfico foi possível perceber a ocorrência de 178,9 palavras por minuto e 305,29 sílabas por minuto na velocidade de fala. Andrade (2006) relata que ao analisar palavras por minuto, está se observando a taxa de velocidade durante a fala. Enquanto as sílabas por minuto têm como objetivo identificar a velocidade articulatória.

Desta forma, ambas estão com enfoque na velocidade, porém as palavras pretendem identificar a velocidade em que o sujeito consegue transmitir o conteúdo do seu discurso, enquanto as sílabas possuem como objetivo definir a velocidade em que o sujeito movimenta as estruturas que fazem parte da fala.

Segundo Merlo (2006), existem duas classificações, a taxa de elocução e a taxa

de articulação, essas representam o número de unidades produzidas num determinado tempo. Sendo essas unidades, sílabas, palavras, dentre outras. O tempo por sua vez, pode de ser definido em minutos ou segundos.

No estudo de Pinto, Schiefer e Ávila (2013), no grupo de sujeitos sem queixas de comunicação na fala espontânea, foi avaliada a velocidade de fala em palavras por minuto e em sílabas por minuto. Os valores alcançados foram uma média de 132,0 palavras por minuto e a média de 236,5 sílabas por minuto. Ao analisar estes valores com os obtidos no presente estudo, há uma diferença de 46,90 palavras por minuto e 68,70 sílabas por minuto.

No grupo dos sujeitos com gagueira do estudo de Pinto, Schiefer e Ávila (2013), a velocidade de fala é inferior quando comparada com a obtida pelo grupo de sujeitos que se consideravam fluentes. O grupo de sujeitos gagos apresentou 95,7 palavras por minuto e 166,3 sílabas por minuto.

Oliveira et al. (2013b) em seu estudo sobre a taquifemia, encontraram no grupo de sujeitos taquifêmicos a média de 179,43 palavras por minuto e 295,28 sílabas por minuto. Enquanto em sujeitos sem taquifemia, as médias foram de 141,35 palavras por minuto e 247,62 sílabas por minuto. Porém, a autora não deixou clara a cidade de origem dos participantes. A idade dos 14 participantes do estudo variando entre 8 e 40 anos e 11 meses.

Ao analisarmos tais valores obtidos por sujeitos taquifêmicos, com os valores alcançados na presente pesquisa, percebemos que a diferença da média de palavras por minuto é de apenas 0,53 para sujeitos taquifêmicos. Enquanto as sílabas por minutos foram superiores nos sujeitos do presente estudo, com diferença de 10,01 sílabas por minuto, ao compararmos com os sujeitos taquifêmicos.

A partir das comparações realizadas entre os grupos, de sujeitos sem queixas de comunicação, o grupo de sujeitos gagos e o grupo de taquifêmicos são visíveis que desses três grupos os valores dos sujeitos taquifêmicos são os mais próximos aos dos sujeitos florianopolitanos estudados. A partir de tal análise se não for considerado o contexto em que esses sujeitos estudados estão inseridos, com base apenas nos valores obtidos, era possível supor que esses são sujeitos com uma velocidade de fala alterada, podendo levantar a hipótese de serem sujeitos com taquilalia, o que acarretaria

em uma patologização de toda uma população.

Os dados apresentados no gráfico 2, confirmam a forma como o manezinho da ilha é visto popularmente. Lacerda (2013) em seu estudo percebeu que a velocidade de fala e o "som" em que o manezinho fala, são os parâmetros que mais impressionam os ouvintes de outras regiões, sendo esses considerados marcadores da fala Mané. Portanto a velocidade de fala elevada é um estereótipo criado da figura do nativo de Florianópolis, que foi confirmado através do presente estudo.

Após, se faz necessária a análise da frequência das rupturas, na qual se refere a dois parâmetros, porcentagem de descontinuidade de fala e porcentagem de disfluências gags. Na porcentagem de descontinuidade de fala, todas as tipologias de rupturas são contabilizadas. Enquanto nas disfluências gags, apenas as disfluências gags são contabilizadas.

A porcentagem de descontinuidade de fala obtida pelos florianopolitanos do presente estudo alcançou a média de 5,14%.

Freitas (2007) encontrou em seu estudo o valor da descontinuidade de fala de 16,35% em sujeitos gogos e 4,65 % em sujeitos fluentes. Enquanto no estudo de Oliveira et al. (2010b), obteve-se os valores de 17,53% de descontinuidade de fala para sujeitos com gagueira e 6,67% para aqueles sem gagueira. Oliveira et al. (2013b) em seu estudo encontraram em 13,30 a porcentagem de descontinuidade de fala em sujeitos com taquifemia.

A partir dos achados na literatura, pode-se julgar o valor encontrado no presente estudo de 5,14 % de descontinuidade de fala como sendo adequado, visto que, todos os valores citados anteriormente para sujeitos fluentes se encontram próximos do resultado obtido.

A porcentagem de disfluências gags realizadas pelos sujeitos deste estudo alcançou a média 1,18%.

Freitas (2007) obteve em seu estudo o valor de 9,9% disfluências gags em sujeitos gogos e 0,2% em sujeitos não gogos. Enquanto Oliveira et al. (2010 b), alcançaram os valores de disfluências gags em 6,49 nos sujeitos com gagueira e 0,21 em sujeitos não gogos.

No estudo de Oliveira et al. (2013a), como mencionado no subcapítulo 2.2, foi

realizado uma comparação entre sujeitos com gagueira desenvolvimental persistente familiar e os com gagueira desenvolvimental persistente isolada. Os resultados da porcentagem de disfluências gagas foram de 8,93 para o grupo de gagueira desenvolvimental persistente familiar e 5,56 para a gagueira desenvolvimental persistente isolada.

A porcentagem de disfluências gagas dos sujeitos florianopolitanos foi muito superior aos achados em sujeitos sem queixas de comunicação, porém ficou inferior ao alcançado por sujeitos gagos.

Após a finalização da exposição do perfil da fluência dos 25 participantes florianopolitanos, partiu-se para a análise geral dos dados obtidos no presente estudo, onde tanto das tipologias de rupturas realizadas apresentadas no Histograma 1 e 2, quanto das disfluências comuns e disfluências gagas no gráfico 1, assim como a velocidade de fala (palavras por minuto e sílabas por minuto) do gráfico 2 e frequência das rupturas (porcentagem de descontinuidade de fala e porcentagem de disfluências gagas) se faz necessário realizar comparação com o que vem sendo mais utilizado como parâmetro do perfil da fluência da fala nacional.

Zackiewics e Andrade (2000 apud BOHNEN, 2009) realizaram um estudo e chegaram a valores que devem ser obtidos em sujeitos para que esses sejam considerados fluentes, numa amostra de 200 sílabas fluentes. O indivíduo pode apresentar entre 12 a 21 disfluências comuns, enquanto as disfluências gagas devem atingir como o máximo de dois. A velocidade de fala em palavras por minuto são encontradas entre 117 a 140 palavras por minuto e as sílabas por minuto, devem atingir valores de 219 a 257. Quanto à frequência de rupturas, a porcentagem de descontinuidade de fala é encontrada entre 7% até 10 %, enquanto a porcentagem de disfluências gagas alcança de 0,2 a 0,7%.

Portanto, foi realizada uma comparação com os valores obtidos pelos florianopolitanos, já mencionados anteriormente, com aqueles propostos para normalidade pelas autoras Zackiewics e Andrade (2000 apud BOHNEN, 2009).

Os florianopolitanos tiveram os valores de disfluências comuns em 7,92, enquanto o estudo trouxe o valor de 12 a 21 disfluências comuns, ao comparar os florianopolitanos tiveram a média de disfluências comuns inferior ao que se espera para

sujeitos fluentes, sendo assim o florianopolitano teve um melhor resultado. As disfluências gegas fixadas no outro estudo em 2, ultrapassaram esse valor, atingindo 2,36. A diferença entre os valores dos dois estudos foi muito mais visível na velocidade de fala, visto que, os florianopolitanos alcançaram 178,9 palavras por minuto, enquanto o outro estudo trouxe o valor de 140, tendo uma diferença de 38,9 palavras por minuto. Ao analisar as sílabas por minuto, as mesmas foram alcançadas no valor de 305,29, enquanto o outro estudo propõem que como valor 257 sílabas por minuto, havendo a diferença de 48,29 sílabas por minuto. Quanto à frequência das rupturas, a porcentagem de descontinuidade de fala, foi de 5,14% nos florianopolitanos, enquanto o outro estudo trouxe valores entre 7% até 10%, desta forma o valor encontrado foi inferior ao estimado para sujeitos fluentes, porém a porcentagem de disfluências gegas teve seu máximo fixado em 0,7% no outro estudo, sendo este considerado como fazendo parte normalidade, porém a porcentagem de disfluências gegas foi encontrada nos sujeitos florianopolitanos com valor bem superior a esse, em 1,18% de disfluências gegas, estando acima do considerado normal.

Em suma, os resultados mostraram que a tipologia de maior ocorrência foi as interjeições, seguida pelos prolongamentos, repetições de palavras e revisões. Após, com valores inferiores, ocorreram respectivamente às repetições de frases, repetições de sílabas, hesitações, palavras não terminadas e pausas. Não havendo repetições de segmentos, repetições de sons, bloqueios e intrusões.

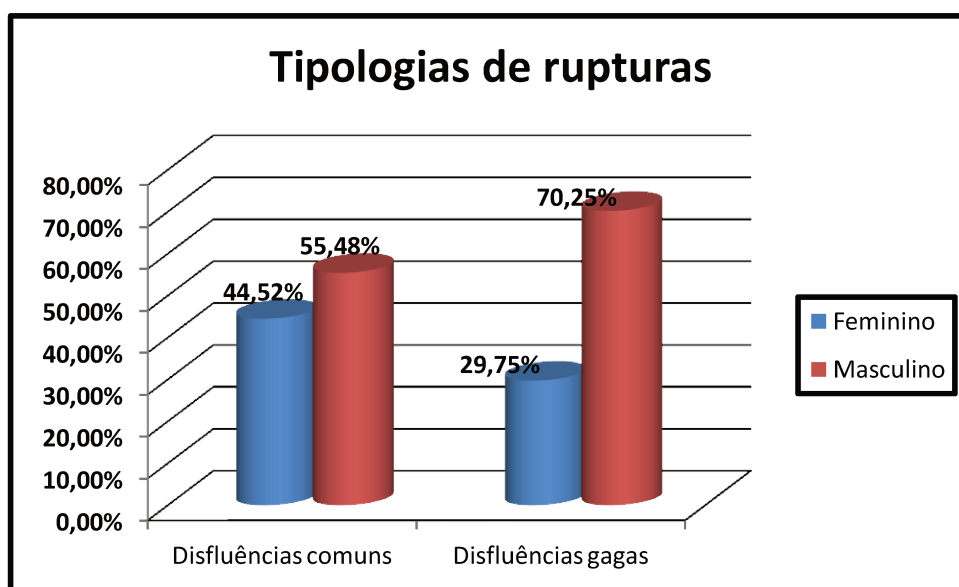
Os valores das disfluências comuns estão abaixo do que a Zackiewics e Andrade (2000 apud BOHNEN, 2009) trazem para sujeitos considerados fluentes portanto pode-se dizer que o florianopolitano é menos disfluyente que os sujeitos dessa pesquisa. Mas na literatura também aparecem valores inferiores ao atingido pelo florianopolitano em sujeitos sem queixas de comunicação. As disfluências gegas mostraram valor superior ao alcançado por sujeitos fluentes e taquifêmicos, porém teve valor inferior ao grupo de sujeitos gagos. Houve maior ocorrência geral de disfluências comuns ao comparar com as disfluências gegas.

Os valores obtidos em velocidade de fala foram superiores aos encontrados em sujeitos gagos e fluentes, estando próximo ao achado no grupo de sujeitos taquifêmicos. Quanto à frequência de rupturas, a porcentagem de descontinuidade de fala mostrou-se

adequada ao comparar com os valores de sujeitos considerados fluentes que a literatura traz, porém ao analisar com os padrões de Zackiewics e Andrade (2000 apud BOHNEN, 2009) o obtido pelos florianopolitanos encontra-se inferior ao considerado adequado para sujeitos fluentes. A porcentagem de disfluências gegas apresentou valor muito superior ao obtido por sujeitos fluentes e teve valor inferior ao obtido por sujeitos gagos, não estando próximo a nenhum dos grupos analisados.

Em seguida será apresentada uma análise relativa à comparação do sexo (feminino e masculino) dos participantes do presente estudo, ressalta-se que esta pesquisa foi composta por 25 participantes, destes 10 eram do sexo feminino e 15 do sexo masculino.

Gráfico 3 —Tipologia de rupturas: análise entre os sexos



Fonte: Elaborado pela autora.

Através dos resultados obtidos fica visível que o sexo masculino teve um valor superior de disfluências comuns e disfluências gegas, quando comparado ao sexo feminino.

Os resultados do gráfico ainda permitem constatar que ambos os sexos obtiveram mais disfluências comuns do que gegas.

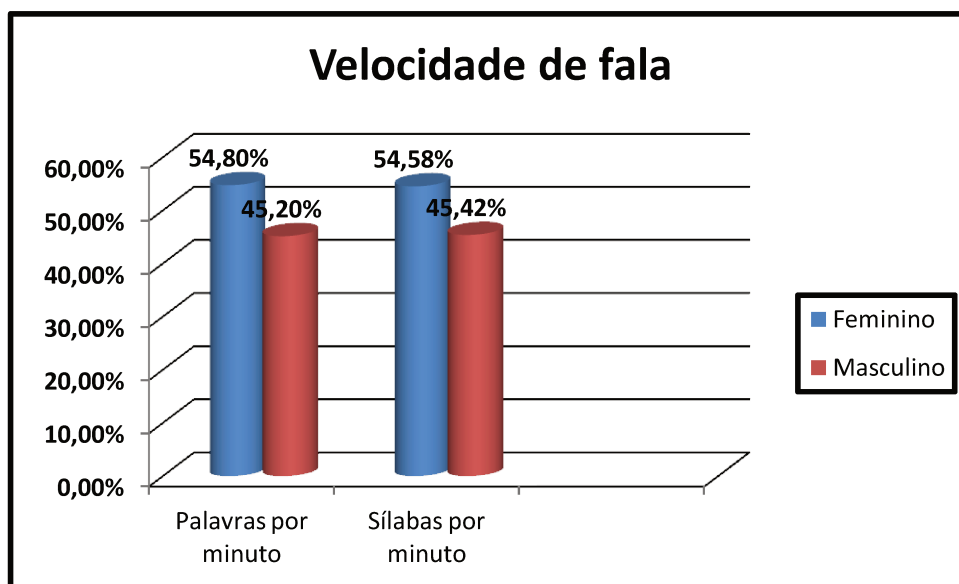
Na literatura brasileira não há muitos estudos que façam comparação entre os achados da fluência de fala, principalmente voltado para as disfluências comuns e

gagas, considerando como variável o sexo.

No estudo de Martins (2007), a fluência da fala foi analisada de acordo com o sexo feminino e o sexo masculino, mas não foram encontradas grandes diferenças. Ao comparar os resultados do presente estudo, com os achados de Martins (2007), é possível perceber que o sexo masculino tende a ter mais disfluências, comuns e gagas, quando comparado com o sexo feminino.

Após análise das tipologias de rupturas, se faz necessário realizar a exposição dos dados de velocidade de fala obtidos, comparando os achados do sexo feminino com os do sexo masculino.

Gráfico 4 — Velocidade de fala: análise entre os sexos



Fonte: Elaborado pela autora.

Os achados presentes neste gráfico mostram valores superiores para o sexo feminino, em palavras por minuto e sílabas por minuto.

Os achados de Martins (2007) mostraram que o sexo feminino apresentou velocidade de fala superior ao sexo masculino, em palavras por minuto e sílabas por minuto. Os resultados obtidos na presente pesquisa, juntamente com aqueles de Martins (2007), mostram que as mulheres tiveram os maiores valores, tanto em palavras por minuto como em sílabas por minuto. Diferente do achado no estudo de Meireles e Barbosa (2009), onde foi encontrada a taxa de elocução mais rápida para o sexo

masculino, com diferença de 11,5%.

Ressalta-se que as variações regionais também podem exercer influência nesses valores. Ambos os sexos podem apresentar um perfil comunicativo diferente conforme o contexto no qual estão inseridos. Sendo assim, pode haver localidades em que o sexo feminino apresente maiores valores de velocidade de fala e regiões onde o sexo masculino é que irá apresentar. Porém, não foi encontrada na literatura trabalhos que façam essa análise, abordando esse comparativo.

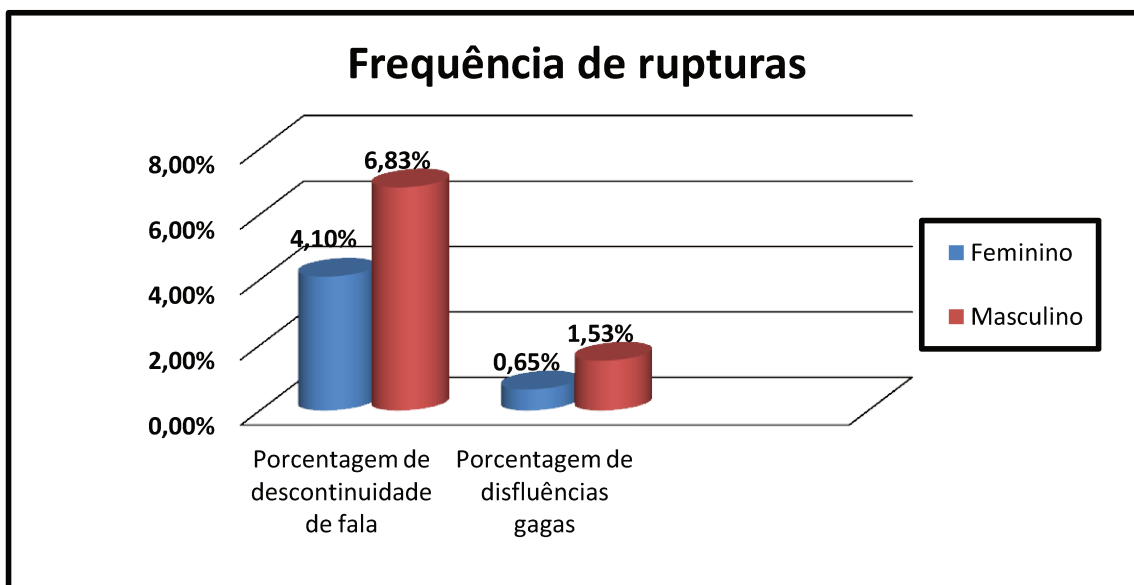
Apesar de ter ainda poucos trabalhos relatando a diferença da velocidade de fala, entre os sexos, pesquisadores realizaram trabalhos para saber quem falava mais, se eram os homens ou as mulheres. Mehl et al. (2007), realizaram um estudo com 210 mulheres e 186 homens, sendo a mostra de fala colhida através de um gravador de voz digital em situações de vida diária dos participantes do estudo. As mulheres obtiveram a média de 16,215 palavras e os homens a média foi de 15,669 palavras durante 17 horas, sendo essa diferença muito pequena para confirmar a fama que as mulheres possuem de falarem mais do que os homens.

Em seu estudo Liberman (2006 apud MEHL et al., 2007), também realizou uma comparação entre homens e mulheres, constatou que as mulheres tiveram a média de 8.805 palavras ao dia e os homens a média de 6,073. O autor atentou quanto à fragilidade do estudo, visto que os gravadores eram controlados pelos participantes.

Não foi encontrado na literatura brasileira estudos que relatem a quantidade de palavras por dia produzidas por homens e mulheres, para que fosse possível realizar inferências quanto à produção diária de palavras produzidas e a velocidade de fala. Porém com os estudos anteriormente mencionados é visível que mesmo com pouca diferença as mulheres lideram, falando mais durante o dia do que os homens, assim como, tendo uma velocidade de fala mais elevada.

O último parâmetro analisado é referente à frequência de rupturas, com análise da porcentagem de descontinuidade de fala e porcentagem de disfluências gags, realizando a comparação entre o sexo feminino e o sexo masculino.

Gráfico 5 — Frequência de rupturas: porcentagem de descontinuidade de fala e porcentagem de disfluências gagas



Fonte: Elaborado pela autora.

Fica visível que o sexo masculino apresentou a porcentagem de descontinuidade de fala e a porcentagem de disfluências gagas superior ao alcançando pelo sexo feminino. Atingindo uma diferença de 2,73 % na porcentagem de descontinuidade de fala e 0,88% na porcentagem de disfluências gagas.

Dias (2005) realizou um estudo, onde relata que existe diferença entre homens e mulheres, quando o tema é linguagem, começando na infância, no processo de aquisição de linguagem que tende a ocorrer mais cedo nas meninas do que nos meninos. Há também diferenças entre os sexos quanto à fluência da fala e o vocabulário, as mulheres possuem melhores resultados ao analisar os parâmetros da fluência da fala nas mesmas, enquanto os homens possuem maiores incidências de gagueira.

Desta forma, o sexo feminino possui uma fala com velocidade superior em palavras por minuto e sílabas por minuto, enquanto o sexo masculino possui mais tipologias de rupturas, comuns e gagas, assim como, maior porcentagem de descontinuidade de fala e de disfluências gagas.

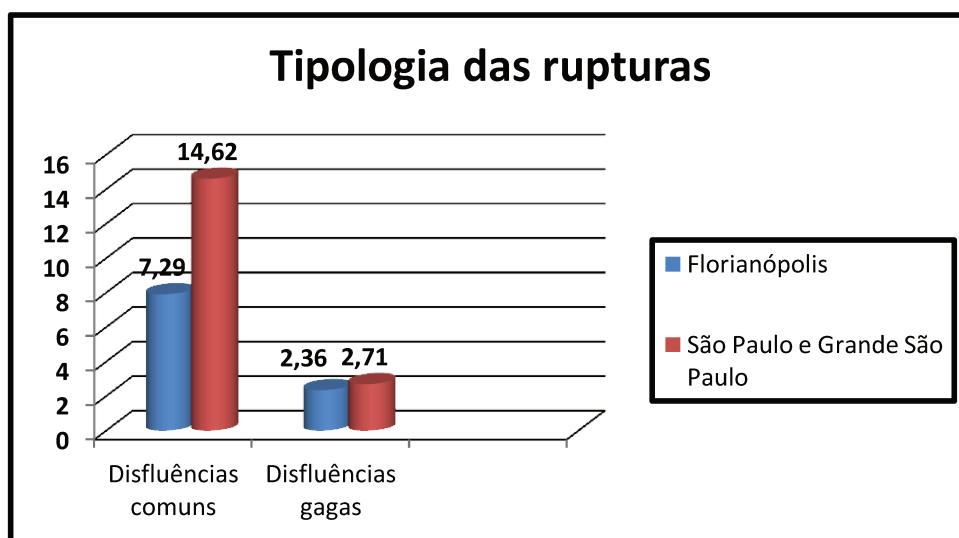
Esses achados nos levam a inferir que quanto maior a velocidade de fala menor as disfluências, porém não foi encontrado na literatura estudos que comprovem isso. Há

autores como Pinto, Schiefer e Ávila (2013) explicam a relação entre disfluência e velocidade de fala, em que o aumento na quantidade de disfluências pode levar a uma redução na velocidade de fala. Porém Oliveira (2013b), discorda dessa afirmação, para a autora conforme aumenta a taxa de elocução as disfluências comuns aumentam também.

As comparações entre sujeitos fluentes, taquifêmicos e gogos, assim como a comparação entre os sexos já foram realizadas e apresentadas anteriormente. A próxima proposta é realizar uma comparação da fluência da fala entre sujeitos de regiões distintas, visando analisar se há influência da variação linguística.

Serão apresentadas comparações entre as disfluências comuns e gogos, velocidade de fala e frequência de rupturas realizadas pelos florianopolitanos, daquelas realizadas pelos sujeitos do estudo de Martins (2007), residentes do município de São Paulo e Grande São Paulo.

Gráfico 6- Tipologia de rupturas: comparação entre sujeitos de Florianópolis e de São Paulo/ Grande São Paulo



Fonte: Elaborado pela autora.

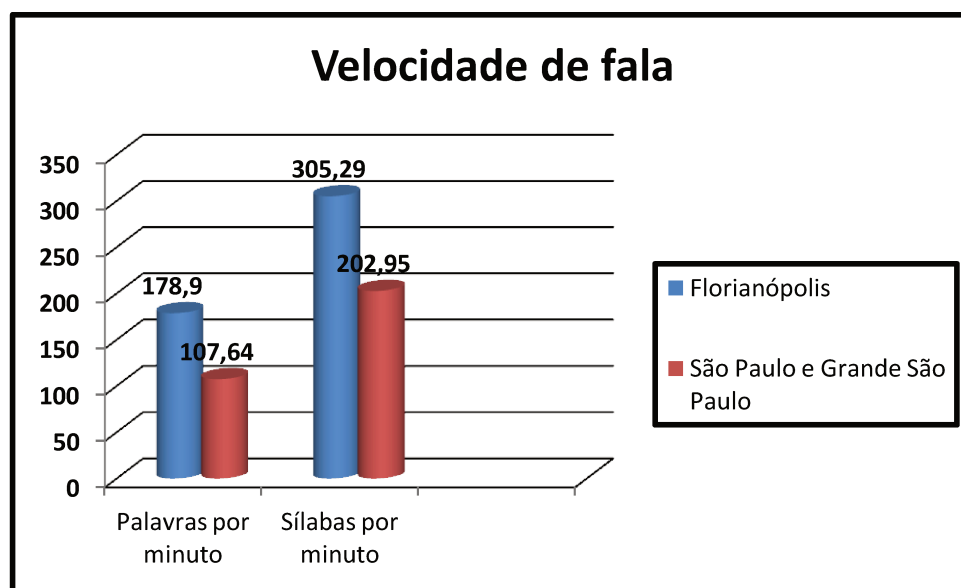
Fica evidente através deste gráfico que o florianopolitano realiza menos disfluências comuns que os residentes de São Paulo e Grande São Paulo, havendo uma diferença de 6,7 disfluências comuns. Enquanto as disfluências gogos, também foram superiores nos residentes de São Paulo e Grande São Paulo, porém a diferença destes

com o alcançado pelos florianopolitanos são de apenas 0,35 disfluências gegas.

Desta forma, os residentes de São Paulo e Grande São Paulo apresentam maior número de disfluências comuns e maior número de disfluências gegas, apesar de ser pequena a diferença relativa as disfluências gegas. Nos dois estudos houve maior ocorrência de disfluências comuns quando comparada com as disfluências gegas.

A próxima análise refere-se à velocidade de fala, dividida em palavras por minuto e sílabas por minuto, comparando os achados entre os dois estudos.

Gráfico 7— Velocidade de fala: comparação entre sujeitos de Florianópolis e São Paulo/Grande São Paulo



Fonte: Elaborado pela autora.

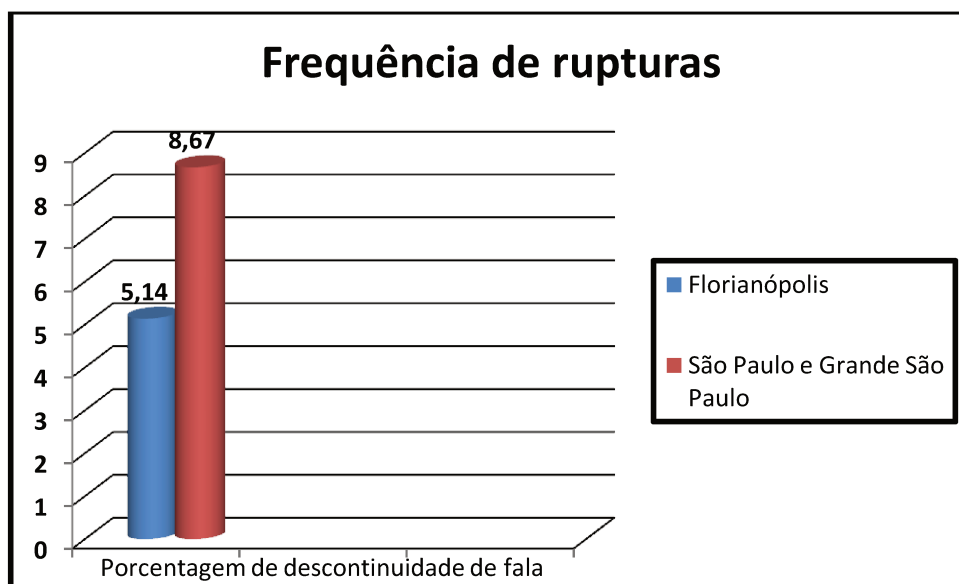
O gráfico mostra que os resultados de velocidade de fala em palavras por minuto foram de 178,9 em nativos de Florianópolis e 107,64 para sujeitos residentes em São Paulo e Grande São Paulo. As sílabas por minuto foram alcançadas em 305,29 para os florianopolitanos e 202,95 para os sujeitos residentes em São Paulo e Grande São Paulo.

Esse gráfico mostra que o florianopolitano possui velocidade de fala em palavras por minuto e sílabas por minuto, superior aos sujeitos do estudo de Martins (2007). Ao comparar as palavras por minuto o florianopolitano realiza 71,26 palavras a mais, enquanto nas sílabas por minuto é capaz de produzir 102,34 sílabas a mais do que os

sujeitos residentes em São Paulo e Grande São Paulo.

Por fim, foi analisada a frequência de rupturas, referente à porcentagem de descontinuidade de fala nos sujeitos nativos de Florianópolis e nos residentes de São Paulo e Grande São Paulo.

Gráfico 8 — Frequência de rupturas: porcentagem de descontinuidade de fala, comparação entre sujeitos de Florianópolis e São Paulo/Grande São Paulo



Fonte: Elaborado pela autora.

O resultado mostra que os florianopolitanos apresentaram uma porcentagem de descontinuidade de fala inferior aos sujeitos do estudo de Martins (2007). Os florianopolitanos obtiveram 5,14%, enquanto os sujeitos residentes de São Paulo e Grande São Paulo alcançaram 8,67%. A diferença de porcentagem de descontinuidade de fala foi de 3,53%.

O estudo de Martins (2007) não realizou a contagem da frequência de rupturas, quanto à porcentagem de disfluências gagas, não sendo possível, dessa forma, comparar os valores obtidos entre as regiões.

Infelizmente há poucos estudos sobre fluência da fala, grande parte deles, como já mencionado no subcapítulo 2.1, aborda apenas a patologia, a gagueira. Os poucos estudos que trazem questões referentes apenas à fluência da fala, não levam em consideração as variações regionais, não especificando o local de origem da sua

população, não considerando o fato de haver influências regionais dentro da fluência da fala.

Alguns autores relatam a importância de considerar as variações regionais, dentre eles, há 19 anos Lover (1995 apud MERLO, 2006) relatava a não existência de um valor parâmetro, para definir a taxa de elocução, visto que, as mesmas podem variar, aumentando ou diminuindo, conforme as questões regionais presentes no contexto em que o falante se encontra inserido. Sendo assim, não é possível haver uma padronização nacional, tão pouco, mundial. O que pode ser considerado elevado em uma comunidade pode ser visto como baixo em outra localidade. Segundo o autor, isso ocorre devido à percepção auditiva que o sujeito constrói a partir das vivências dentro do contexto sociolinguístico que se encontra inserido.

Os falantes de São Paulo e Grande São Paulo comparados aos florianopolitanos apresentaram perfis da fluência diferenciados. As disfluências comuns foram mais frequentes em sujeitos de São Paulo e Grande São Paulo, assim como as disfluências gegas, porém esse teve menor valor de diferença. Quanto à velocidade de fala, os florianopolitanos alcançaram valores superiores ao comparar com os sujeitos residentes em São Paulo e Grande São Paulo, em palavras por minuto e sílabas por minuto. Portanto, os florianopolitanos possuem maior velocidade de fala em palavras por minuto e sílabas por minuto e apresentam menos tipologias de rupturas e porcentagem de descontinuidade de fala.

Quanto à frequência de rupturas, referente à porcentagem de descontinuidade de fala, sujeitos residentes de São Paulo e Grande São Paulo tiveram o maior valor. Não houve a comparação da porcentagem de disfluências gegas, pois esse parâmetro não foi localizado no estudo de Martins (2007).

Esses resultados nos levam a mesma reflexão, já realizada nesse subcapítulo, na análise entre os sexos. Ao comparar os achados de Martins (2007), com esses obtidos no presente estudo, pode-se pensar que quando a velocidade de fala é mais elevada há um menor número de disfluências. Pois os florianopolitanos alcançaram valores superiores em velocidade de fala e valores inferiores de disfluências comuns e gegas.

É importante ressaltar que não há diferença apenas entre São Paulo e Grande São Paulo com a cidade de Florianópolis, ou seja, a diferença não se encontra apenas

de uma cidade para outra. A variação pode ser encontrada dentro da própria cidade, de um bairro para outro, de uma comunidade para outra, podendo haver diferença entre o florianopolitano do meio rural ao comparar com o florianopolitano do meio urbano.

Desta forma, não é possível haver médias gerais de fluência da fala de brasileiros, visto que, ocorre influência da variação linguística. Os poucos estudos existentes trazem resultados não especificando a origem desses participantes, quando constam essas informações há o resultado de uma população isolada, não podendo desta forma, ser generalizado para todo um país.

Ressalta-se a importância de realizar estudos voltados a determinadas localidades, considerando as questões regionais presentes.

Em suma, o perfil da fluência da fala do florianopolitano mostrou os seguintes resultados:

- Tipologias de rupturas: as disfluências de maior ocorrência foram as interjeições, logo após, os prolongamentos aparecem com maior frequência. Em seguida, ocorrem as repetições de palavras e revisões. Ocorrendo com menor frequência: repetições de frases, repetições de sílabas, hesitações, palavras não terminadas e pausas. Não houve repetições de segmentos, repetições de sons, bloqueios e intrusões de sons e segmentos na amostra de fala coletada dos florianopolitanos.
- Disfluências comuns: os florianopolitanos analisados apresentaram a média de 7,29 disfluências comuns, mostrando um resultado inferior ao que se espera para sujeitos fluentes, tendo desta forma um melhor resultado. Dentro da literatura há também valor inferior ao número de disfluências comuns atingidas pelos florianopolitanos.
Disfluências gags: a média de ocorrência atingida pelos florianopolitanos foi 2,36 disfluências gags. A literatura mostra que esse resultado foi superior ao obtido por sujeitos considerados fluentes e taquifêmicos e inferior ao alcançado por sujeitos gagos.
- Velocidade de fala: os florianopolitanos alcançaram a média de 178,9 palavras por minuto e 305,29 sílabas por minuto. A literatura mostra que esse resultado se aproxima ao obtido por sujeitos taquifêmicos.

- Frequência de rupturas: foi alcançado o valor de 5,14% de descontinuidade de fala, podendo ser considerado adequado, visto que, dentro da literatura há valores obtidos por sujeitos fluentes que se encontram próximos ao resultado atingido pelos florianopolitanos, porém há estudos que relatam que esse valor está abaixo do esperado para sujeitos fluentes. A porcentagem de disfluências gegas alcançou a média 1,18%, estudos mostram que esse valor foi muito superior aos achados em sujeitos sem queixas de comunicação e inferior ao obtido por sujeitos gegos.

A análise visando comparação entre os sexos mostrou que o sexo feminino possui velocidade de fala superior, enquanto o sexo masculino teve mais tipologias de rupturas, assim como maior frequência de ruptura.

Quando a comparação foi feita visando a regionalidade dos falantes, a comparação entre os florianopolitanos e os sujeitos residentes em São Paulo e Grande São Paulo, apresentou diferenças. As disfluências comuns e gegas foram mais frequentes em sujeitos de São Paulo e Grande São Paulo. Quanto à velocidade de fala, essa foi superior nos florianopolitanos. A porcentagem de descontinuidade de fala foi superior nos sujeitos residentes de São Paulo e Grande São Paulo.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base no objetivo proposto do presente trabalho, centralizado em investigar as características relativas à fluência da fala do florianopolitano, foi realizada a análise das tipologias de rupturas comuns e gagas, assim como a ordem e média de ocorrência das mesmas. Após foi verificada a velocidade de fala (palavras por minuto e sílabas por minuto) e a frequência de rupturas (porcentagem de descontinuidade de fala e porcentagem de disfluências gagas) realizada pelos florianopolitanos estudados.

Os resultados atingidos pelos florianopolitanos do presente estudo foram confrontados com os resultados presentes na literatura, obtidos por sujeitos fluentes, gagos e taquifêmicos. Após foi realizada análise da fluência da fala, levando em consideração o sexo masculino e o feminino dos sujeitos estudados, para realizar comparação entre essa variável. Por fim, a fluência da fala dos florianopolitanos foi comparada com a fluência da fala dos sujeitos do estudo de Martins (2007), residentes da cidade de São Paulo e Grande São Paulo.

A partir das diferentes análises realizadas e dos resultados obtidos na presente pesquisa, pode-se concluir que a tipologia de rupturas de maior ocorrência realizada pelos florianopolitanos, foram às interjeições, em segundo lugar ocorreram os prolongamentos, após as repetições de palavras e revisões. Em seguida, ocorreram as repetições de frases, repetições de sílabas, hesitações, palavras não terminadas e pausas. Os florianopolitanos não apresentaram repetições de segmentos, repetições de sons, bloqueios e intrusões de sons ou segmentos.

Quanto as disfluências comuns estas se encontram abaixo do que a literatura traz como valor para sujeitos fluentes, mostrando desta forma que o florianopolitano teve melhor resultado. Há também estudos que trazem valores inferiores ao que o florianopolitano obteve, em sujeitos sem queixas de comunicação. As disfluências gagas mostraram valor superior ao alcançado por sujeitos fluentes e taquifêmicos, porém teve valor inferior ao grupo de sujeitos gagos.

Os florianopolitanos apresentaram maior número geral de disfluências comuns ao comparar com as disfluências gagas, o que é esperado para sujeitos considerados fluentes.

Quanto à velocidade de fala em palavras por minuto e sílabas por minuto, os florianopolitanos apresentaram valores superiores aos encontrados em sujeitos gagos e fluentes. Porém se encontra próximo ao obtido por sujeitos taquifêmicos. Esse resultado mostra a importância de considerar o contexto no qual o sujeito faz parte, sem essa análise sujeitos florianopolitanos seriam considerados sujeitos com taquilalia.

Ao analisar a frequência de rupturas, referente à porcentagem de descontinuidade de fala, os florianopolitanos apresentaram valores similares aos obtidos por sujeitos fluentes presentes na literatura. Enquanto, a porcentagem de disfluências gagas teve valor muito superior ao obtido por sujeitos fluentes, porém foi inferior ao obtido por sujeitos gagos. Desta forma, não se encontra próximo a nenhum dos grupos analisados.

Sendo assim, a fama que o florianopolitano possui de falar rápido foi comprovada por este estudo, enquanto fama de repetir as palavras este estudo mostrou que a repetição de palavras ocorreu, porém não em número elevado a ponto de ocupar a primeira ou a segunda posição.

Na comparação entre os sexos, ficou evidente que o sexo feminino possui uma fala com velocidade superior, em palavras por minuto e em sílabas por minuto, enquanto o sexo masculino realiza mais tipologias de rupturas, comuns e gagas, além de ter maior porcentagem de descontinuidade de fala e maior porcentagem de disfluências gagas.

A análise entre a fluência da fala dos florianopolitanos estudados e a fluência da fala dos sujeitos do estudo de Martins (2007), residentes de São Paulo e Grande São Paulo mostrou que há diferenças. Ao comparar as disfluências comuns, essas foram superiores em sujeitos de São Paulo e Grande São Paulo, ou seja, na comparação esses sujeitos mostraram-se mais disfluentes do que os florianopolitanos.

As disfluências gagas também foram superiores nos sujeitos do estudo de Martins (2007), porém com valor menor de diferença. A velocidade de fala, nos sujeitos florianopolitanos apresentou valores superiores ao comparar com os sujeitos residentes em São Paulo e Grande São Paulo, em palavras por minuto e em sílabas por minuto.

Ao analisar a frequência de rupturas, comparando a porcentagem de descontinuidade de fala, os sujeitos de Martins (2007), obtiveram maior valor. Porém não foi possível comparar a porcentagem de disfluências gagas, pois esses não foram

localizados no estudo de Martins (2007).

Desta forma, ressalta-se a importância de estudos que levem em consideração a regionalidade dos participantes, não ignorando a existência da variação linguística. Ressalta-se que realizar a caracterização da fluência da fala é de extrema importância, pois para trabalhar com as alterações é necessário compreender muito bem a normalidade. O levantamento do perfil da fluência da fala pode ainda auxiliar na perícia criminal, conforme já mencionada no subcapítulo 2.3 por Golçalves (2013). Além de contribuir para a história, caracterização e identidade dos sujeitos nativos de uma localidade.

A falta de estudos relativos à fluência da fala do florianopolitano impossibilitou a realização da comparação de valores destes sujeitos. Assim como, o escasso número de estudos relativos à taquilalia, em que não foram encontrados valores que possibilitassem uma comparação.

Os participantes relataram não possuir nenhum dos quesitos já mencionados anteriormente que excluíssem a sua participação, ou seja, nenhum deles se considera um fala disfluente ou com qualquer tipo de alteração na comunicação. Porém não foi realizada avaliação com os mesmos, desta forma não é possível descartar a existência de algum participante que realmente tivesse alteração na fluência da fala.

Ressalta-se que a timidez dos participantes pode ter influenciado nos resultados, pois os mesmos mostraram-se muito envergonhados ao falar. Assim como, o período curto de coleta, que coincidiu com a época de pesca da tainha, o que dificultou a participação de um maior número de sujeitos.

Os temas utilizados para obtenção da produção da fala dos participantes podem ter influenciado, visto que, eram temas que poderiam exercer influência no emocional dos sujeitos.

São necessários mais estudos voltados para a fluência da fala, não visando apenas à patologia, procurando conhecer melhor a normalidade atreladas, também, à características linguísticas. As variações linguísticas não podem ser ignoradas, necessitando desta forma, de mais estudos voltados a pesquisar o perfil da fluência da fala em diferentes cidades, caracterizando o perfil da fluência da fala dos sujeitos nativos, assim como, pesquisas voltadas as variações linguísticas intramunicipais.

Ressalta-se a importância de pesquisas que levem em consideração as questões regionais e as variações linguísticas presentes dentro de uma localidade, só assim será possível caracterizar uma população, conhecer suas questões linguísticas, o perfil das questões comunicativas, para poder realizar uma melhor análise, evitando diagnósticos equivocados.

A reflexão é necessária, para atentar quanto à importância de realizar análise contextual, conhecendo os aspectos sociais, característicos do local do qual o indivíduo faz parte, considerando as variações linguísticas, tão importantes, pois o Brasil é um dos países de maior extensão territorial, tendo uma grande diversidade cultural.

6. REFERÊNCIAS

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. DSM-IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. 4a. ed. Porto Alegre: ARTMED, 2002.

AMERICAN SPEECH- LANGUAGE- HEARING ASSOCIATION (ASHA). Special Interest Division 4: Fluency and Fluency Disorders. Terminology pertaining to fluency and fluency disorders: **Guidelines**, v.29, n. 41, p.29-36.1999.

ANDRADE, Claudia. Gagueiras infantis: atualização sobre a determinação de fatores de risco e condutas. **Pediatria**, São Paulo, v.19, n.2, p. 150-158. 1997.

ANDRADE, Claudia. Protocolo para avaliação da Fluência da fala. **Pró-fono**, São Paulo, v.12, n.2, p.131-4, set. 2000.

ANDRADE, Claudia. et al. ABFW: **Teste de Linguagem: nas áreas de fonologia, vocabulário, fluência e pragmática**. 2.ed. Pró- fono, Barueri, 2011.

ANDRADE, Claudia. **Gagueira Infantil: Risco, Diagnóstico e Programas Terapêuticos**. 1 ed. Barueri: Pró-Fono, 2006. v.1. 187 p.

ARCURI, Cláudia. et al. Taxa de elocução de fala segundo a gravidade da gagueira. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v.21, n.1, p.45-50. 2009.

BAGNO, Marcos. **Preconceito linguístico: o que é, como se faz**. São Paulo: Loyola, 2004. 186 p.

BARBOSA, Lucina. Diagnóstico diferencial das disfluências. In: RIBEIRO, Ignês. **Noções básicas sobre a gagueira: suas características, sua etiologia e as teorias sobre sua natureza**. 2. ed. São José Dos Campos: Pulso, 2005. Cap. 1, p. 17-40.

BARRETO, Simone; ORTIZ, Karin. Influência da velocidade articulatória e da intensidade na inteligibilidade de fala. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, v.20, n.2, p.87-92, abr./jun. 2008.

BOHNEN, Anelise. **Estudo de palavras gaguejadas por crianças e adultos: caracterizando a gagueira como um distúrbio da linguagem**. 2009.197f. (Doutorado

em Linguística)- Universidade Federal do Rio Grande do Sul. 2009.

BOMFIM, Irma; BARBIERI, Valéria. Subvertendo a avaliação psicológica: o emprego do procedimento de desenhos-estórias em um paciente com gagueira. **Revista Psicologia: teórica e prática**, São Paulo, v.11, n.2, dez. 2009.

BRESCANCINI, Cláudia. A análise de regra variável e o programa varsul 2S. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia. **Fonologia e Variação: recortes do português brasileiro**. 1 ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002. p.13-77

CAGLIARI, Luiz. Prosódia: algumas funções dos supra-segmentos. **Caderno de estudos linguísticos**, Campinas, v. 23, p. 137-151, jul./dez. 1992.

CAGLIARI, Luiz. **Elementos de Fonética do Português Brasileiro**. São Paulo: Paulistana, 2007. 194 p.

CARNEIRO, Célia; SCARPA, Ester; Singularidade nas manifestações de fala gagas. **Caderno de estudos linguísticos**, Campinas, v.54, n.1, jan./jun. 2012.

CARUSO, Raimundo C; CARUSO, Mailéa M Leal. **Vida e cultura açoriana em Santa Catarina** - 10 entrevistas com FRANKLIN CASCAES. Florianópolis: Edições da Cultura Catarinense, 1977.

CARVALHO, Susana. et al. Tratamento para adolescentes e adultos gagos. **Revista extensão universitária da UFS**. São Cristóvão, n.2. 2013.

CAVENINI, Paola; CHIARI, Rosana; PIAZZINI, Ada. Improvement of a patient with stuttering on levetiracetam. **Neurology**, v.59, n.8, out. 2002.

CENTRO DE ESTUDOS CULTURA E CIDADANIA. **Uma cidade numa ilha**: relatório sobre os problemas sócio-ambientais da ilha de Santa Catarina. Florianópolis: Insular, 1996. 248 p.

COLLISCHONN, Gisela; MONARETTO, Valéria. Banco de dados Varsul: a relevância de suas características e a abrangência de seus resultados. **Alfa revista de Linguística**, São Paulo, v.56, n.3, p.835-853. 2012.

DEGIOVANI, Verena. Diagnóstico diferencial das disfluências. In: RIBEIRO, Ignês. **Conhecimentos essenciais para atender bem a pessoa com gagueira**. 2.ed. São José Dos Campos: Pulso, 2005. Cap. 2, p. 33-40.

DEGIOVANI, Verena. Disfluência Neurológica. In: ORTIZ, Karina. **Distúrbios Neurológicos Adquiridos**. 2 ed. Barueri: Manole, 2010. Cap 12. P. 230-242.

DIAS, Luzia. Homem e mulher: estratégias linguísticas diferentes?. In: IX Congresso Nacional de Linguística e Filologia - 22-26 de agosto, 2005, Rio de Janeiro. **Cadernos da CNLF**. Rio de Janeiro: CiFEFIL, 2005. v. IX

DUARTE, Tâmyne; CRENITTE, Patrícia; HERRERA, Simone. Caracterização dos indivíduos com distúrbios da fluência, atendidos na clínica-escola do curso de fonoaudiologia da USP-BAURO. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.12, p.12-20 jun./set. 2009.

FANTIN, Márcia. **Cidade dividida. Dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis**. Florianópolis: Cidade Futura, p.284. 2000.

FARIAS, Vilson. **Dos Açores ao Brasil Meridional: uma viagem no tempo: 500 anos Litoral Catarinense**. Florianópolis: Ed. Autor, 2000. 504p.

FREITAS, Rosana. **Perfil da fluência da fala e atividade dos músculos orofaciais de sujeitos com gagueira e falantes fluentes**. 2007. 123f. Dissertação (Mestrado em Morfofisiologia das estruturas faciais)- Faculdade de medicina de Ribeirão Preto. Ribeirão Preto, 2007.

FRIEDMAN, Silvia. Fluência de Fala: um Acontecimento Complexo. In: FERNANDES, Fernanda; MENDES, Beatriz; NAVAS, Ana. **Tratado de Fonoaudiologia**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2009. Cap. 47, p. 443-453.

GARGANTINI, Maria; OLIVEIRA, Marisa. Comunicação e gagueira. **Revista Estudos de Psicologia**, Campinas, v.20, n.1, p-51-60, jan/abr. 2003.

GODIO, Matias. O rancho e o bote. Micropolíticas das tecnologias e das sustentabilidades entre os trabalhadores da pesca na ilha de Santa Catarina. **Amazônica**, v.4, n.2, p.314-334. 2012.

GONÇALVES, Cintia. **Taxa de elocução e de articulação em corpus forense do português brasileiro**. 2013. 192f. (Doutorado em Letras)- Faculdade de Letras PUCRS.Porto Alegre. 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Brasil no Mundo**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-territorio/brasil-no-mundo>>. Acessado dia 31 de Maio de 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Características da População**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/vamos-conhecer-o-brasil/nosso-povo/caracteristicas-da-populacao>>. Acessado dia 31 de Maio de 2014.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2000** – agregados de setores censitários dos resultados do universo. Rio de Janeiro, Jul. 2002. CD ROM.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Censo Demográfico 2010**. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br/cidadesat/painel/painel.php?codmun=420540>>. Acessado dia 07 de Maio de 2013.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia Estatística. **Curiosidades/ Municípios Novos**. Disponível em: <<http://7a12.ibge.gov.br/voce-sabia/curiosidades/municipios-novos>>. Acessado dia 31 de Maio de 2014.

JUSTE, Fabiola. ANDRADE, Claudia. Tipologia das rupturas de fala e classes gramaticais em crianças gagas e fluentes. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, v. 18, n. 2, p.129-140, maio./ago. 2006.

LACERDA, Lucas. **A representação da identidade do manezinho: entre a arte e a vida**. 2013.199f. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2013.

LEITE, Yonne; CALLOU, Dinah. **Como falam os brasileiros**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.

LOREGIAN, Loremi. **Concordância verbal com o pronome 'tu' na fala do Sul do Brasil**. 1996.134f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1996.

MARTINS, Vanessa; ANDRADE, Claudia. Perfil evolutivo da fluência da fala de falantes do português brasileiro. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, Barueri, v.20, n.1, p.7-12, jan./fev. 2008.

MARTINS, Vanessa. **Variação da Fluência em falantes do Português Brasileiro: quatro estudos**. 2007. 153f. (Doutorado em linguística) - Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências humanas da Universidade de São Paulo. São Paulo. 2007.

MEHL, Matthias. et al. Are Women Really More Talkative Than Men? **Science**, v.317, n. 5834, p. 82-82, 2007.

MEIRA, Isis. Abordagem Fenomenológica da Fluência. In: FERNANDES, Fernanda; MENDES, Beatriz; NAVAS, Ana. **Tratado de Fonoaudiologia**. 2. ed. São Paulo: Roca, 2009. Cap. 46, p. 434-442.

MEIRELES, Alexsandro; BARBOSA, Plínio. O papel da taxa de elocução nos processos dinâmicos de mudança linguística. **Revista (con) textos linguísticos (UFES)**, v.3, p.91-116. 2009.

MEIRELES, Alexsandro; TOZETTI, João; BORGES, Rogério. Speech rate and rhythmic variation in Brazilian Portuguese. In: **Fifth International Conference on Speech Prosody**, 2010, Chicago, EUA. Proceedings of the Fifth International Conference on Speech Prosody, 2010. v. 1. p. 1-4.

MERLO, Sandra. **Hesitações na Fala Semi-espontânea: análise por séries temporais**. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística)- Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2006.

MEURER, Eliséa. et al. Voz e fala no menacme e na pós-menopausa. **Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil**, v. 4, n.3, p. 281-286, jun./set. 2004.

MOURA, Octávio; SIMÕES, Mário; PEREIRA, Marcelino. Fluência verbal semântica e fonêmica em crianças: funções cognitivas e análise temporal. **Avaliação Psicológica**, v.12, n.2, p.167-177, ago. 2013.

NAGIB, Leila; PASCUETO, Cintia. A pressa é inimiga da elocução. **Agência UFRJ de notícias**/ Boletim olhar virtual, agência UFRJ de notícias/ UFRJ, 05 jul. 2007.

NUNES, Vanessa. O apagamento de vogais átonas: o falar florianopolitano. **Anais do IX Encontro do CELSUL**, Palhoça, out. 2010.

NUNES, Vanessa. **Análise entonacionais de sentenças declarativas e interrogativas totais nos falares florianopolitano e lageano**. 2011. 178 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) - Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2011.

OLIVEIRA, Ana. et al. O que fonoaudiólogos e estudantes de fonoaudiologia entendem por fluência e disfluência. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.9, n.1, p.40-46, jan./fev. 2007.

OLIVEIRA, Cristiane. et al. Perfil da fluência de indivíduos com taquifemia. **Pró-Fono Revista de Atualização Científica**, n.22, n.4, p.445-50, out./dez. 2010. a.

OLIVEIRA, Cristiane. et al. Frequência e tipologia das disfluências na gagueira desenvolvimental persistente familiar. In: 18º Congresso Brasileiro de Fonoaudiologia, 2010, Curitiba. Suplemento da RSBFa. São Paulo: **Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, p. 3863-3863, 2010. b.

OLIVEIRA, Cristiane. et al. Perfil da fluência: análise comparativa entre gagueira desenvolvimental persistente familiar e isolada. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.15, n.6, p. 1627-1634, nov./dez. 2013.a.

OLIVEIRA, Cristiane. et al. Relação entre a taxa de elocução e descontinuidade de fala na taquifemia. **CoDAS**, v.25, n.1, p.59-63. 2013.b.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. Saúde. CID-10. **Classificação Estatística internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde**. São Paulo: Edusp, 1997. v.1, 1187 p.

PAGOTTO, Emílio. **Variação e (é) Identidade**. Maceió: Ed/ufal, 2004. v.1. 417p.

PINTO, Joana; SHIEFER, Ana; ÁVILA, Clara. Disfluências e velocidade de fala em

produção espontânea e em leitura oral em indivíduos gagos e não gagos. **Revista ACR**, v.18, n.2, p.63-70. 2013.

RIBEIRO, Ignês. **Conhecimentos essenciais para atender bem pessoas com gagueira**. 2 ed. São José dos Campos. Pulso. 2005.

RIBEIRO, Patrícia; LACERDA, Patrícia. Variação, mudança e não mudança Linguística: Ressignificando o conservadorismo linguístico no português do Brasil. **Revista Linguística/ Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 2, dez. 2013.

ROCHA, Patrícia. A variação dos pronomes de segunda pessoa na língua falada nas comunidades de Ratoles e Santo Antônio de Lisboa- Uma abordagem sociolinguística variacionista. **Work. Pap. Linguística**, p.69-81. Florianópolis, 2010.

ROSA, Helton. Manezinho da ilha: um breve histórico da construção social do nativo da ilha de Santa Catarina e os embates culturais com a chegada do “estrangeiro”. **Programa de educação Tutorial PetGeo Informativo**, v.3, n.25.2009.

SALOMÃO, Ana. Variação e mudança linguística: panorama e perspectiva da sociolinguística variacionista no Brasil. **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v.8, n.2, p-187-207, jul./dez. 2011.

SASSI, Fernanda; CAMPANATTI-OSTIZ, Heliane; ANDRADE, Cláudia. Terminologia: fluência e desordens da fluência. **Pró-fono**, Barueri, v.13, n.1, p.107-113.2001.

SASSI, Fernanda; CAMPANATTI-OSTIZ, Heliane; ANDRADE, Cláudia. Terminologia: fluência e desordens da fluência. **Pró-fono**, Barueri, v.13, n.1, p.107-113.2001.

SCARPA, Ester. Sobre o sujeito fluente. **Caderno de estudos linguísticos**, Campinas, v. 29 p.163-184, jul./dez. 1995.

SEVERO, Cristini. Manezês e manezinho: mutação da fala e da identidade. **Estudos Linguísticos XXXIII**, Campinas, v.33, p.841-846. 2004.

SILVA, Amanda; WERTZNER, Haydée. Velocidade de fala em crianças com e sem transtorno fonológicos. **Pró-fono**, v. 21, n.1, p.19-24, jan/mar. 2009.

SILVA, Jair; MEIRELES, Alexsandro. Estudo sociofonético do ritmo da fala capixaba. **Jornal of speech**, v.1, n.1, p.3-13. 2011.

SOUZA, Jaqueline. et al. Frequência e tipologia das disfluências: análise comparativa entre taquifêmicos e gagos. **Revista CEFAC**, São Paulo, v.14, n.4, p.857-863, jul./ago. 2013.

SOUZA, Renata; CARDOSO, Maria. Fluência e Prosódia: Aspectos diferenciais frente ao discurso. **Revista Neurociência**, v.21, n.3, p.468-473, ago. 2013.

VIEIRA, Waldo. **Enciclopédia da Conscienciologia: Equipe de Revisões** – CEAEC. 772 p. 2006.

WIEDEMER, Marcos. As faces da Comunidade de fala. **Revista de Letras, Artes e Comunicação**, Blumenau, v.2, n.1, p.21-35, jan./abr. 2008.

ZANELLA, Andréa; BALBINOT, Gabriela; PEREIRA, Renata. A renda que enreda: analisando o processo de constituir-se rendeira. **Educação e Sociedade**, Campinas, v.21, n.71, p. 235-252. 2000.

APÊNDICE A – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Projeto: O detalhe fonético II: análise acústica exploratória de segmentos de fala.

Coordenadora geral: Izabel Christine Seara

Subprojeto: A fluência na fala do florianopolitano

Acadêmica: Suelen Machado Silva

Contato celular: (48) 96684492

Email: suelenmachadosilva@hotmail.com

Pesquisadora responsável/orientadora: Dr. Cristiane Lazzarotto-Volcão

Email: cristiane.volcao@cce.ufsc.br

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa em que será avaliada a sua fala, quanto à fluência que a mesma possui através da gravação de uma amostra de fala. O nome do estudo é: A Fluência da fala do florianopolitano. Essa pesquisa será tema do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da Acadêmica em Fonoaudiologia Suelen Machado Silva, da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Faz parte do projeto maior: O detalhe fonético II: análise acústica exploratória de segmentos de fala, tendo como coordenadora geral do projeto: Izabel Christine Seara, registrado no Comitê de ética em pesquisa com seres humanos da UFSC, sob o número 2057. O objetivo dessa pesquisa é investigar as características da fluência presente na fala do florianopolitano. Caso deseje participar dessa pesquisa, será realizado uma conversa com você, através da exposição de um tema. A sua fala será gravada e, posteriormente, será transcrita e analisada. Salientamos a importância desta pesquisa para o enriquecimento cultural, tanto nacional como local, caracterizando a fluência do falar regional.

Quero deixar claro que seus dados coletados serão utilizados apenas durante a realização da pesquisa, para fins científicos, mantendo total sigilo, não havendo a divulgação do seu nome. Caso deseje participar da pesquisa, você será voluntário, ou seja, não receberá nenhuma quantia em dinheiro pela participação e também não pagará nada por isso. Contudo, esclarecemos que você tem total liberdade de recusar este pedido de participação, bem como de aceitar e, se caso precise parar ou desistir de

participar, não haverá nenhuma penalização por isso. Desta forma, se deseja participar e contribuir com esta pesquisa que visa contribuir para caracterização do falar regional, assine o termo abaixo:

Eu _____ RG _____

declaro ter sido informado e concordo participar, como voluntário, da pesquisa descrita acima.

Assinaturas:

Data: ____/____/____

ANEXO A – Protocolo do Perfil da Fluência da Fala – (ANDRADE, 2000)

Levantar a amostra de fala a partir da produção obtida pelo discurso com estímulo visual. O discurso do sujeito só poderá ser interrompido (com perguntas e comentários), nos casos em que houver necessidade de incentivar a produção para que seja obtido o número necessário de sílabas (200 sílabas expressas, ou seja, sílabas não disfluente) para a análise.

A amostra de fala deve ser transcrita, literalmente, em na sua totalidade (sílabas fluentes e disfluente), segundo os critérios abaixo descritos.

1. Eventos de disfluência: - marcados em negrito
2. Seguimento ininteligível: - ~~~~~
3. Interrupção do terapeuta - //
4. Hesitação - #
5. Pausa - _____
6. Bloqueio - / antes da sílaba bloqueada
7. Prolongamento - _ após a sílaba bloqueada
8. Intrusão de palavras - o segmento de intrusão vem entre //

1. **Tipologia das rupturas** – marcar na linha correspondente o número de ocorrências para cada tipo de disfluências. Somar o número total da tipologia comum e da tipologia gaga separadamente.

Disfluências mais comuns (hesitações, interjeições, revisões, palavras não terminadas e repetições de frases). Disfluências gagas (3 ou mais repetições de sons e/ou sílabas e/ou palavras, prolongamentos, bloqueios, pausas).

Hesitações: pausa curta (1 a 2 segundos) onde parece que a criança esta procurando a palavra e/ou prolongamento de vogais usuais (Ex: é.... ã..... hum.....).

Interjeição: inclusão de sons, palavras ou frases, sem sentido ou irrelevantes no contexto da mensagem (Ex: tá, né, assim, você sabe, daí, etc).

Revisão: mudança no conteúdo ou na forma gramatical da mensagem ou na pronúncia da palavra (Ex: ela pode vir aqui? ele viu..... comeu todo o doce/ a menina pa bateu nocachorro).

Palavra não terminada: a palavra que é abandonada, não terminada posteriormente. Tipicamente é seguida por uma revisão (João ganhou uma bici, João ganhou um carrinho legal), ocasionalmente pode ter haver revisão (eu fui para o Gua no fim de semana).

Repetição de segmentos: repetição de, pelo menos, duas palavras completas da mensagem.

Repetição de frase: repetição de uma frase completa já expressa.

Repetição de palavra: repetição de uma palavra inteira.

Repetição de sílaba: repetição de uma sílaba inteira ou de uma parte da palavra (Ex: eu quero a bababanana/ o poporporco é feio/a ambubulância veio logo).

Repetição de som: repetição de um som ou de um elemento de um ditongo que compõe a palavra (Ex: você quer s sss suco? V vv viu o sapo? Eu quero um m m macarrão).

Prolongamento: duração inapropriada de um fonema ou de um elemento de um ditongo que pode ou não estar acompanhado por características qualitativas da fala (isssso é meu? Sssssai daí/ me dá uuuuum pedaço de bolo).

Bloqueio: tempo inapropriado para iniciar um fonema ou a liberação de uma posição articulatória fixa (boca aberta antes de iniciar a emissão ou tremores faciais antes da emissão).

Pausa: interrupção do fluxo da fala pelo rompimento temporal da sequência (mais de 3 segundos para realizar a conexão dos elementos), podendo ou não estar associada de características qualitativas.

Intrusão: produção de sons ou cadeiras de sons não pertinentes ao contexto inter ou entre palavras.

2. Velocidade de fala:

2.1) fluxo de palavras por minuto (mede a taxa de informação de produção) – é preciso considerar o tempo total da amostra, contar o número total de palavras expressas produzidas, aplicar a regra de compatibilização e anotar na linha correspondente.

2.2) fluxo de sílabas por minuto (mede a taxa de velocidade articulatória) – é preciso considerar o tempo total da amostra, contar o número total de sílabas expressas produzidas aplicar regra de compatibilização e anotar na linha correspondente.

3. Frequência de ruptura:

3.1) porcentagem de descontinuidade de fala (mede a taxa de rupturas no discurso) - considerar o tempo total da amostra, contar o número total de rupturas comuns e gags, aplicar a regra de porcentagem.

3.2) porcentagem de disfluências gags: mede a taxa de rupturas gags. Contar o número total de rupturas gags e aplicar a relação de porcentagem.

ANEXO B – Tabela para anotação

Disfluências Comuns		Disfluências Gagas	
hesitações		repetição de sílabas	
interjeições		repetição de sons	
revisões		prolongamentos	
palavras não terminadas		bloqueios	
repetição de palavras		pausas	
repetição de segmentos		intrusão de sons ou segmentos	
repetição de frases			
TOTAL		TOTAL	

2. Velocidade de fala.

Fluxo de Palavras por Minuto	Fluxo de Sílabas por Minuto	

3. Frequência das rupturas.

% de Descontinuidade de Fala	% Disfluências Gagas

Transcrição da Amostra da Fala:

ANEXO C – Fórmulas

Velocidade de fala

Palavras por minuto:

$$\frac{\text{número de palavras}}{\text{tempo (min)}} = N$$

Sílabas por minuto:

$$\frac{\text{número de sílabas}}{\text{tempo (min)}} = N$$

Frequência das Rupturas

Porcentagem de descontinuidade de fala:

$$\frac{\text{número de rupturas totais}}{\text{número de sílabas}} = N \times 100\%$$

Porcentagem de disfluências gagas:

$$\frac{\text{número de rupturas gagas}}{\text{número de sílabas}} = N \times 100\%$$